

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Artes/SP
&
UMAPAZ – Universidade Aberta do Meio Ambiente
e da Cultura de Paz

LIANE BITTENCOURT

A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE
NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL:
Primeiros passos rumo à autonomia

SÃO PAULO

2011

LIANE BITTENCOURT

A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE
NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL:
Primeiros passos rumo à autonomia

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP - Universidade Estadual Paulista e da UMAPAZ - Universidade Aberta do Meio Ambiente e da Cultura de Paz como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Arte, Ecologia e Sustentabilidade.

Orientador: Prof^a Dr^a. Rose Marie Inojosa

São Paulo

2011

“Nada tem significado se percebermos apenas fragmentos separados. Porém, à medida que os fragmentos unem-se em síntese, uma nova entidade emerge, cuja natureza nós não poderíamos ter previsto considerando apenas os fragmentos”.

Piero Ferrucci (2007)

Dedicatória

Ao espírito livre.

Agradecimentos

A Deus, pelos milagres

A meu avô Djalma Pereira Bittencourt (*in memoriam*) por me apresentar ao mundo das artes e encantamento

À Maria José Ferreira pelo respeito, pelo exemplo de educadora, coerência e integridade

À Ana Angélica Albano Moreira por me ajudar a manter vivas minhas inquietações

À Maria Beatriz da Silva Mattos por iluminar meu caminho à *Nínive*

À Luciana Pereira dos Santos Ogo e Patricia Vieira Sarmento Silveira, minhas companheiras de fé nesta jornada e outras que virão

À Pollyanna de Oliveira Capocci por sua extrema generosidade, delicadeza e acolhimento

A Todos os integrantes da Escola de Educação Infantil Espaço Viva Vida pelo encontro, pela confiança, pelo compartilhar

À Prf.^a Dr.^a. Rose Marie Inojosa pelo espaço de aprendizagem e troca, pelo acolhimento, generosidade, disponibilidade, paciência e gentileza

A Joel Nunes de Oliveira, o mestre Joca do Bambu, meu grande amigo Maluquinho, de tantos momentos

À minha mãe Helena Bittencourt e a meu irmão Fernando Bittencourt, por me estimularem constantemente à busca

Lista de Figuras

- | | |
|-----------------|--|
| Figura 1 | O diagrama da estrela |
| Figura 2 | Marca das crianças no espaço da escola (parede) |
| Figura 3 | Marca das crianças em destaque |
| Figura 4 | Marcas das crianças no espaço da escola (banheiro) |
| Figura 5 | Marcas das crianças no espaço da escola (pátio) |

BITTENCOURT, Liane. ***A Contribuição da arte no desenvolvimento infantil***: os primeiros passos rumo à autonomia. São Paulo, 2011.

RESUMO

O presente trabalho investiga a contribuição da arte no desenvolvimento infantil, sua contribuição na estruturação da autonomia pessoal e a possibilidade da aplicação no processo formal de ensino e aprendizagem.

Palavres chaves: arte, desenvolvimento infantil, ensino e aprendizagem

BITTENCOURT, Liane. A Contribuição da arte no desenvolvimento infantil: os primeiros passos rumo à autonomia. São Paulo, 2011.

ABSTRACT

This paper investigates the contribution of art in children's development, its contribution to the structuring of personal autonomy and the possibility of application in the formal process teaching and learning.

Keywords: art, child development, teaching and learning.

SUMÁRIO

EPIGRAFE

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

ABSTRACT

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	2
OBJETIVOS	4
1 AUTOMATISMOS	5
1.1 Ordenações	6
1.2 A dinâmica organizativa na Psicossíntese	7
2 O QUE É PSICOSSÍNTESE	8
2.1 Vontade	9
2.2 A vontade regulando as funções psicológicas	10
3 AUTONOMIA	11
4 PESQUISA QUALITATIVA	12
4.1 Descrição da escola	12
4.2 Metodologia	14
4.3 Procedimento de coleta de dados	17
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS	20
5.1 Discurso do Sujeito Coletivo	20
5.1.1 Publicações da Coleção Cadernos de Reflexão	20
5.1.2 Grupo Focal 1	21
5.1.3 Grupo Focal 2	23

5.1.4 World Café	26
5.2 Categoria dos questionários	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	33
BIBLIOGRAFIA	41
ANEXO 1	43
ANEXO 2	52
ANEXO 3	65
ANEXO 4	75
ANEXO 5	87

Apresentação

Durante a graduação em Psicologia, foi pelas mãos de minha professora Maria José Ferreira, que tive a oportunidade de entrar em contato com o livro de Ana Angélica Albano Moreira “O Espaço do Desenho: a Educação do Educador”.

Um misto de euforia e a certeza de que o caminho da identidade é o exercício da liberdade, possível além das paredes de um consultório, se instala. O contraste entre o modelo educacional experimentado e a possibilidade de um modelo que educa para a autonomia ressoa ainda hoje. E o Millôr que me desculpe, mas “livre pensar **não** é só pensar”.

A ciência da Psicologia era o instrumento para referendar este exercício de liberdade, que é uma necessidade humana muito mais que um direito, obstruída pelo jogo político de poder em suas mais variadas faces. E descobri, mais recentemente na Psicossíntese o solo, para mim mais fértil, dessa vivência.

O texto de Ana Angélica influenciou toda minha prática que se iniciou com o trabalho de alfabetizar adultos em uma fábrica, como estagiária de treinamento e foi ganhando força ao longo de minha trajetória. Foi determinante para meu envolvimento com os movimentos sociais. O exercício de ser quem se é em sua plenitude é uma questão de saúde, de preservação da vida e portanto aplica-se a tudo que vive. Minha vida foi transformada e algumas crenças reforçadas.

A oportunidade de fazer esta pesquisa com minhas amigas de especialização, Luciana e Patricia, foi um presente que veio coroar o longo caminho percorrido. Três diferentes olhares, um estudo transdisciplinar: uma advogada, uma bióloga e uma psicóloga, em harmonia, estudando a Escola Espaço Viva Vida.

Testemunhar que um novo mundo encontra-se em construção. Ver a prática diária, sistemática de tudo que acredito e necessito foi uma feliz constatação. Hoje a Viva Vida está ampliando sua práxis para os ensinamentos fundamental e médio, mostrando que a aplicação dos mais altos valores de vida necessários à construção de uma nova sociedade porque garantem a inclusão de construção do si mesmo e o respeito à vida, é o futuro vivo no presente.

Introdução

O presente estudo pretende investigar a arte como espaço interno para a construção do processo de autonomia, a arte como instrumento e meio propício, funcionando como ambiente, uma espécie de ateliê interno, onde é possível experimentar, em diferentes níveis de consciência, a formação do si mesmo, dos diversos aspectos da personalidade.

Espaço continente que facilita o reconhecimento e a experimentação das mais diferentes possibilidades de “vir a ser”, manifestadas em todas as expressões.

Neste sentido, o que aqui é denominado arte, não qualifica um padrão estético, não está sujeito a uma norma doutra, nem a qualquer conceito pré estabelecido. Não está aprisionada, ao contrário, é a via libertária que conduz à própria essência. É a oportunidade da vivência, da experimentação. Por isso mesmo não será aqui considerada como a única possibilidade, mas como um dos espaços facilitadores que permite:

Reconhecer a própria grandeza... O que há de único em cada ser que lhe permite realizar algo que ninguém mais pode fazer. (MATTOS, 2008 pg. 48)

Ou como conclui Ana Angélica:

Identificar o próprio traço, estabelecer o compromisso com a palavra desígnio. (MOREIRA, 1993 pg. 89).

Não poderia me furtar a mencionar Fayga Ostrower e sua provocação própria dos artistas:

O verdadeiro e natural caminho para que o homem realize seu potencial criador..., reside no processo elementar de cada um poder crescer em seu tempo vital e poder amadurecer, de poder integrar-se como ser individual e como ser cultural. (OSTROWER, 1977 pg 144)

Este estudo investigou a práxis de uma escola de Educação Infantil que vive em seu dia a dia a construção conjunta de novas realidades através de uma relação dialógica com todos que compõem a sua comunidade. O que inclui: os professores e assistentes, funcionários, alunos, pais de alunos, outras escolas e a comunidade do entorno.

O primeiro capítulo fala de processos organizativos, de algumas ordenações impostas, dissociativas que foram naturalmente incorporadas ao comportamento humano e social.

O texto prossegue apresentando mecanismos organizativos promotores de uma ordem integrativa e introduz a abordagem da Psicossíntese.

O segundo capítulo discorre sobre a Psicossíntese, alguns de seus aspectos chaves e sua contribuição na estruturação da autonomia e sua importância para a vida.

O capítulo três apresenta o conceito de autonomia e a possibilidade de construção pessoal através do fazer artístico.

Os demais capítulos apresentam a Instituição objeto de estudo do presente trabalho, os dados coletados e o que revelou esta observação.

Este trabalho não pretende apresentar nenhuma resposta, mas provocar inquietações.

Objetivos

Este estudo tem como primeiro objetivo verificar a importância de ter garantido os espaços de construção do sujeito, salvaguardando suas diferenças, preservando e auxiliando na construção de sua identidade.

Como segundo objetivo propõe-se a estudar como o espaço Escola Viva Vida, destinado à educação infantil, à formação de pessoas, utiliza a arte como contribuição na formação do Ser. E o quanto esse ser que se sabe ganha autonomia, deixa a sua marca.

Como terceiro objetivo, pretende investigar a importância de um espaço que fomente a criatividade e a autonomia, a prática dialógica, a construção de um coletivo que valorize a diversidade fortalecendo o indivíduo.

CAPÍTULO 1

Automatismos

O mundo encontra-se imerso numa onda de automatismos. Alcançamos um alto grau de desenvolvimento tecnológico que nos proporciona conforto e agilidade no dia a dia. E tão maravilhados ficamos com nossa eficiência e rapidez que incorporamos esse automatismo como natureza humana e criamos padrões de conduta.

Novos métodos são criados e, a partir de uma experiência bem sucedida, espera-se que seja universalizada, na maioria das vezes imposta como a solução dos “grandes males que atingem a humanidade”. Não abordarei aqui as relações de poder que justificam a manutenção da “ordem” e, em seu nome, determinam quem são os mais capacitados para criação.

Como uma grande engrenagem, tudo que não se encontre no padrão esperado não só é descartado, mas é percebido como ameaçador da ordem. Mas que ordem é essa?

Esta ordem, a qual estamos todos submetidos, não pode ser por nós manipulada como algo externo, apartado, nem mesmo a compreendemos. Em verdade não compreendemos nossas próprias emoções, impulsos e desejos.

O atual modelo social roubou-nos o espaço da experimentação, do autoconhecimento, de pertencimento, portanto de participação e expressão.

Sentimo-nos seres incompletos, imperfeitos em lugar de nos sentirmos como um projeto em construção constante, num contínuo processo de amadurecimento.

Como fomos treinados a acreditar que não sabemos, não criamos, reproduzir é o esperado.

Confundimos espontaneidade com egoísmo. Alguns minutos no trânsito e se percebe que as ações não são pautadas pelo bem comum. Gosto de pensar que esse aparente caos seja o precursor de uma nova ordem. A coerência consigo mesmo é pensada como utopia.

Fayga também fala da importância destes processos estabelecendo uma relação direta entre desenvolvimento pessoal, reconhecimento de potenciais internos e respostas sociais.

E ninguém se admira das consequências trágicas da não-realização do homem dentro do que lhe seria possível: o vazio da vida, a apatia, a falta de respeito pelos outros (já que tampouco foi respeitado seu próprio potencial) e, quando não pior, um revide violento e brutal contra si mesmo ou contra os outros. (FAYGA, 1977 pg. 131)

1.1 Ordenações

O Universo e tudo que há nele encontram-se sob uma dinâmica organizativa. Esta ordem existe em tudo, até nos sistemas mais simples observados pelos físicos

Ocorre que um tipo fantástico de caos pode estar escondido bem atrás de uma fachada de ordem – e, ainda assim, nas profundezas do caos está oculto um tipo de ordem ainda mais fantástico. (Douglas Hofstadter *apud* GLEICK)

Ana Angélica (1993) nos fala da ação organizativa da criança. Enquanto brinca ou desenha, a criança está o tempo todo ordenando sua realidade. Organizando o seu dia a dia. Mais do que organizar, ela pode experimentar uma nova maneira de vivenciar, alterar a realidade, experimentar-se em outros eus. Cria uma nova realidade e se recria.

Descobre o mundo e organiza-se nele. Lança-se para frente com a certeza de suas marcas, livre para construir e reconstruir, num diálogo fruído entre pensamento e sentimento. Tudo está carregado de significado.

Fayga (1977, pg 147) nos fala da importância do indivíduo “integrar-se em sua personalidade”, de alcançar a auto realização. É preciso garantir o espaço desta vivência, da ação criadora que recria e se renova constantemente.

Aos olhos da Psicossíntese, vivenciar a auto identificação é visto como o caminho adequado ao desenvolvimento humano.

1.2 A dinâmica organizativa na Psicossíntese

A Psicossíntese considera que toda pessoa é dotada de um centro organizador interno que nos permite assumir as rédeas da vida e designar, desenhar nosso próprio destino, o que podemos vir a ser.

Entende que este processo, absolutamente interno e pessoal, só é possível ser vivido de forma saudável considerando também o meio em que o sujeito está inserido.

Cada um de nós está integrado a diferentes grupos de pessoas, que incluem a família, os amigos, companheiros de trabalho, etc. Também somos membros de uma sociedade e da grande família humana que povoa o planeta. (PARFIT, 1990, pg.12)

Na criança este centro torna-se mais consciente à medida que consegue experimentar este contato consigo mesma em relação com o meio. O adulto pode atuar como um centro organizador externo que auxilia neste processo de reconhecimento e consciência deste centramento, ao longo de seu amadurecimento.

Fayga reforça a importância desse mecanismo auto organizativo quando diz

Ao indivíduo criativo torna-se possível dar forma aos fenômenos, porque ele parte de uma coerência interior que absorve os múltiplos aspectos da realidade externa e interna, os contém e os 'compreende' coerentemente, e os ordena em novas realidades significativas para o indivíduo. (FAYGA, 1977 pg.132)

Considera também que o potencial criativo não é um privilégio para alguns, mas é um

Potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades. (FAYGA, 1977 pg. 7)

É um caminho de descoberta do si mesmo que auxilia no desenvolvimento pessoal que nos permite “engajar na via da comunicação e das relações” (Centro de Psicossíntese de São Paulo) .

CAPÍTULO 2

O que é Psicossíntese

A Psicossíntese está longe de ser mais uma abordagem psicológica a ser usada ao sabor da moda. Não se restringe à aplicação clínica. Ela nos convida a escolher de que maneira queremos estar no mundo. E esta maneira é negociada todos os dias.

A Psicossíntese entende a pessoa como uma identidade única. Seu organizador, o psiquiatra italiano Roberto Assagioli, usa a imagem de uma orquestra. Cada indivíduo é semelhante a uma orquestra. Somos também cada instrumento que a compõe. E, como toda orquestra, somos também o regente que organiza essas vozes de maneira a conseguir arranjos encantadoramente harmoniosos e únicos. Mais simples ou mais complexos, não importa. O possível de cada ser é a justa medida e um sinal inequívoco de que se pode ir além.

A Psicossíntese é, em primeiro lugar e acima de tudo, uma concepção dinâmica, até dramática, de nossa vida psicológica, que ela retrata como intercâmbio e conflito contrastantes, e um centro unificador que tende sempre a controlar, harmonizar e utilizar essas forças. (ASSAGIOLI, 1992)

Podemos criar os próprios acordes e, criá-los novos tantas quantas forem as experiências vividas e os desafios apresentados.

Não só temos um centro organizador interno, o maestro, mas este centro é dotado de “vontade”.

De fato, a vontade pode ser vista como uma expressão do que Angyal¹ chamou “autonomia” – a capacidade de um organismo funcionar livremente de acordo com sua própria natureza intrínseca, em vez de sob a compulsão de forças externas. (PIERO FERRUCCI 2007 pg 83).

¹Andras Angyal criou o termo biosfera para traduzir uma concepção holística ou ecológica que compreenda o indivíduo e o meio "não como partes em interação, não como constituintes que tenham uma existência independente dos demais, como peças de um relógio, mas como aspectos de uma mesma realidade, que só podem ser separados realizando-se uma abstração" (Angyal, cit. em Hall e Lindzey, 1978, p. 43).

2.1 Vontade

Na Psicossíntese a vontade ocupa um lugar central

como função essencial do eu e como a fonte ou origem necessária de todas as escolhas, decisões e compromissos. (ASSAGIOLI, 1992).

A descoberta da vontade em si próprio, faz o indivíduo se perceber como sujeito vivo, capaz de escolhas e mudanças. Descobrir o potencial de expansão interior e de ação exterior, confere senso de integridade. Mas é preciso cultivar e fortalecer cada pequena realização a fim de sedimentar este potencial a ser utilizado mais amplamente.

A vontade tem função *diretriz* e *reguladora*; equilibra e utiliza construtivamente todas as demais energias do ser humano sem nunca reprimir nenhuma delas. A função da vontade é semelhante à do timoneiro de um navio. (ASSAGIOLI, 2005)

Necessário ressaltar que este movimento só pode ser vivido de maneira saudável tendo como meta alcançar a auto identificação. Como meta porque é uma construção constante. O caminho é contínuo. Cada pequeno passo é uma mudança.

Utilizando o recurso da imagem da orquestra, seria o mesmo que identificar-se com a própria orquestra e ainda buscar inspiração para novas composições. O violino faz parte da orquestra, mas não é a sua totalidade. É um aspecto dela. Estar identificado com o violino e acreditar que esta é a única manifestação possível, compromete e empobrece a expressão humana.

A auto-identificação é a condição de identificar-se com a própria essência. É ser também o compositor em contato com suas musas inspiradoras, ou seja, com o supra consciente, a instância inconsciente superior do ser, que por vezes alcança o consciente, através de mecanismos como os sonhos, as intuições e inspirações.

A Psicossíntese é uma teoria extensa e muito mais complexa do que é aqui apresentado.

2.2 A vontade regulando as funções psicológicas

As funções são os instrumentos de percepção e resposta através dos quais entramos em contato com nossos aspectos internos, externos e suas inter-relações. O Diagrama da Estrela ilustra a abstração da dinâmica do regente executando a composição com o auxílio da orquestra e dos instrumentos que a compõe.

A vontade é a força que permite ao maestro organizar e coordenar as demais funções. A vivência adequada desta dinâmica nos faz mais centrados para escolhermos livres das respostas condicionadas provenientes de nossos impulsos internos ou condicionados às expectativas externas. Finalmente tornamo-nos autônomos.

O Diagrama da Estrela

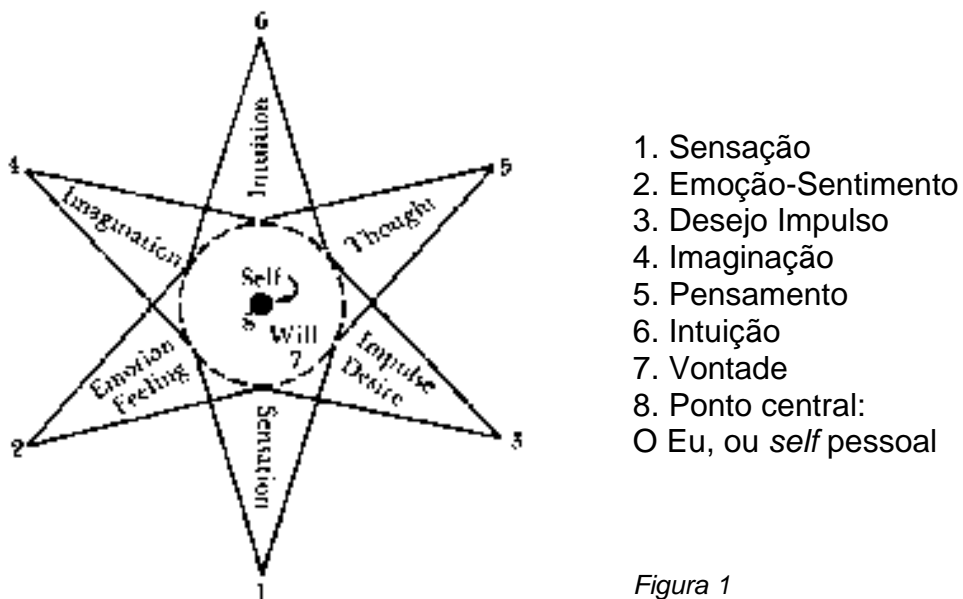


Figura 1

A Psicossíntese usa diversos diagramas para ajudar no entendimento dos diversos componentes do self. Embora estejam necessariamente limitados em escopo e perspectiva, esses diagramas são úteis por fornecerem uma representação pelo menos parcial. O self é uma entidade soberana e independente dos diversos aspectos da personalidade, tais como o corpo, os sentimentos e a mente. Livrando esse conceito de qualquer fundo doutrinal e examinando-o empiricamente, achamos primeiro um centro de consciência e de vontade. Isto é o "self pessoal", o "Eu" ou o centro da identidade pessoal, a partir do qual os diversos aspectos da personalidade podem ser reconhecidos, reorganizados e integrados. (in site do CPSP - Centro de Psicossíntese de São Paulo, 2011 em 25/09/2011 às 21h)

CAPÍTULO 3

Autonomia

A palavra autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio.

A ideia de autonomia (**auto** = próprio, **nomos** = norma, regra, lei) conduz o pensamento imediatamente à ideia de liberdade e de capacidade de exercício ativo de si, da livre decisão dos indivíduos sobre suas próprias ações e às possibilidades e capacidades para construir sua trajetória na vida. Não é difícil localizarmos aqui traços do conceito clássico de felicidade na tradição filosófica grega, que identifica a perspectiva da **eudaimonia** (felicidade, boa fortuna ou equilíbrio), excelência (**eu**) de sua potência (**daimon**) com a capacidade do indivíduo para decidir sobre suas próprias ações. ...Sintetizam-se, enfim, na prescrição: “**sê senhor de si**”. (Fleury-Teixeira, P. *et al.*, 2005)³

Sê senhor de si, pleno de suas potencialidades e livre para escolher seguir a própria essência. Não a “liberdade aparente” ou “falsificada...” fora das possibilidades humanas, sem significado, mas onde “criar é relacionar com adequação”, em que “ser livre é ocupar o seu espaço de vida.” (OSTROWER, 1977 pg 160)

Então não é algo que simplesmente se ensina. Neste caso a única maneira de ensinar é aprendendo. É algo a ser vivenciado, trocado, observado, acompanhado e respeitado. Algo que se constrói conjuntamente, no relacionar. Um exercício de inserir-se no mundo, como sujeito de seu próprio processo, sujeito também da história.

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência ou tecnologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível. (FREIRE, 1996 pg 24)

O espaço da arte permite o experimento, o significar. É possível fazer e refazer. Posso considerar os tempos. O tempo que o olhar percorre, que leva para conhecer e identificar cada espaço, o material e a si mesmo. O tempo da descoberta e do relacionar, do estranhamento e da resignificação. Experimentar escolhas, acompanhar e se apropriar de suas trajetórias.

CAPÍTULO 4

Pesquisa Qualitativa

4.1 Descrição da Escola

O ESPAÇO VIVAVIDA é uma instituição de ensino para crianças até seis anos. Existe há 10 anos, como resultado da fusão entre duas escolas: Espaço Vida e Viva Vida.

Atende hoje a 240 crianças, na faixa etária de 0 a 6 anos, distribuídas entre as turmas de berçário; “G Integrado”, composto por crianças de 1 a 3 anos, que se dividem em 5 grupos no período da manhã e 4 no período da tarde. Esses grupos compõem-se de 12 crianças em cada e não têm uma sala única. Circula pelos diferentes espaços da escola, interagindo com outras turmas também. Este caminhar é definido pelas professoras, de acordo com a característica de cada grupo. A partir do G3, cada grupo é formado com crianças da mesma faixa etária, distribuídas em 2 salas de G3 de manhã e 2 à tarde; 1 sala de G4 de manhã e 2 à tarde; 1 sala de G5 de manhã e 1 à tarde e 2 salas de G6 à tarde distribuídos em salas distintas, o que não as impede de interagir entre grupos, tanto em atividades programadas como em brincadeiras espontâneas.

O espaço físico da escola foi cuidadosamente pensado para propiciar trocas entre os grupos. As crianças podem assim viver papéis diferentes enquanto brincam: ora são as mais velhas numa brincadeira, ensinando as demais, ora são as mais novas. Interagindo, aprendem umas com as outras.

A equipe de profissionais é composta por: 4 diretoras, 2 coordenadoras pedagógicas, 7 berçaristas, 8 monitores e professores no período da manhã, 5 auxiliares no período da manhã, 11 professores e monitores no período da tarde, 9 auxiliares no período da tarde, 5 integrantes da equipe de recreação, 3 da cozinha, 6 da secretaria, 3 da tesouraria, 10 da equipe de apoio, 4 da portaria e 1 responsável pelo transporte das crianças.

Respeito, responsabilidade, liberdade, democracia, honestidade, tolerância, autonomia, cooperação, solidariedade, afetividade, justiça são valores que foram

ganhando significado e sentido, na medida em que foram vivenciados e refletidos, pois acreditam que escola é sinônimo de movimento e reflexão constante.

Propõe-se a trabalhar o respeito às diferenças individuais na construção do relacionamento coletivo. Considera as relações interpessoais de transparência e criatividade privilegiando o espaço para refletir, discutir, divergir e concordar.

Identifica-se como uma escola formadora e em constante formação. É através da relação que constroem com cada criança e com o grupo que se realiza o seu ensinar e, em última análise, se define a própria função da escola.

Mantém o centro Madalena Freire de estudos, pesquisa, divulgação e formação, para os educadores a fim de fomentar o estudo e a avaliação da prática pedagógica à luz das teorias existentes, mantendo interlocução constante com as experiências, divulgando os resultados destes processos e agregando outros interlocutores.

A arte, nas diferentes manifestações e linguagens, ocupa um lugar central no trabalho de formação empreendido no Espaço Viva Vida. Professores e alunos são convidados sistematicamente a refletir sobre as formas que o homem vem encontrando ao longo do tempo para expressar-se. Privilegia o espaço e o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil e sua importância na transmissão da cultura, refletindo sobre seu papel nessa atividade.

Entendem que o cuidar e o educar fazem parte de todas as atividades dentro da escola.

O planejamento é vivido como projeto, no sentido de ter uma orientação para o futuro e ser pensado a partir de um referencial teórico.

Neste momento, a escola vive um novo processo de fusão, desta vez com a Escola Carandá, visando a ampliação de oferta de ensino, para incluir o ensino médio. Deste processo resultará um novo projeto político pedagógico.

4.2 Metodologia

Optou-se por uma pesquisa exploratória, através de um estudo de caso, tendo como sujeito deste estudo a Instituição de Ensino de Educação Infantil Espaço Viva Vida.

A escola apresenta fatores diversos que contribuem em seu funcionamento e orientação pedagógica. Isto determinou a escolha pela pesquisa exploratória, tendo por base o conceito apresentado em Figueiredo e Souza, que define o estudo de caso:

O estudo de caso é mais utilizado nas pesquisas de campo do tipo exploratórias, visando inclusive levantar questões para outros estudos através de dados qualitativos. Por isso não se restringe a um único modo de coleta de dados, vários procedimentos de pesquisa podem relacionar-se com o estudo do caso, como, por exemplo, a observação participante e a entrevista livre (FIGUEIREDO e SOUZA, 2010).

A pesquisa foi realizada por três pesquisadoras e contou com as seguintes etapas:

1. Levantamento de textos e publicações produzidas pela Instituição de Ensino;
2. Questionário qualitativo para dois grupos da escola, grupo de professores e grupo de diretores e coordenadores;
3. Realização de dois grupos focais com os professores e coordenadores.
4. Realização de um World Café com a equipe de apoio;
5. Questionário qualitativo com ex-alunos;
6. Levantamento bibliográfico.

Os textos e publicações produzidos pela Instituição, através de seu centro de formação, Centro de Estudos Madalena Freire, são resultado dos questionamentos e reflexões da prática diária do corpo docente, direção e demais funcionários. Deste exercício constante surgiu a Coleção “Cadernos de Reflexão”. Outras fontes foram

consideradas, a saber: o projeto político pedagógico, publicação disponível e textos encontrados no site da escola.

Foram utilizados dois questionários qualitativos com questões abertas sendo: um destinado à equipe de direção e coordenação, outro à equipe de professores e assistentes, com uma pequena variação nas questões. Isto foi considerado com o intuito de valorizar e incluir as diferentes falas.

A escolha por questionários qualitativos foi considerada em função da seguinte conceituação

Nas ciências sociais, os pesquisadores, ao empregarem métodos qualitativos estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social; buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenômeno. (NEVES, 1996 pg 02)

Os questionários eram formados por nove perguntas abertas, apresentados numa sequência objetiva e acompanhados de instrução. Cada pesquisadora sugeriu um grupo de três perguntas pertinentes ao tema individual de pesquisa, considerados complementares.

O material foi encaminhado primeiro à direção da escola que, após aprovação, direcionou-o aos respectivos grupos, os quais foram convidados a contribuir com o presente estudo, tendo garantida sua liberdade de escolha. As respostas foram enviadas diretamente para as pesquisadoras.

Desta forma foi possível filtrar quais aspectos foram considerados mais relevantes para o grupo pesquisado, auxiliando na condução do grupo focal, instrumento seguinte adotado para aprofundar a pesquisa.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA & GOUDIM, 2001 pg.03)

Foi disponibilizado pela escola um período de meia hora entre o término de aula regular e início de reunião pedagógica quinzenal. A escola cedeu uma sala e lanche para esta atividade.

Compareceram oito professores e um coordenador pedagógico. Em função do pouco tempo disponível, foi feita uma única pergunta, elaborada a partir dos questionários. Esta atividade foi gravada.

Os participantes sentiram-se motivados e solicitaram um segundo encontro de grupo focal.

Este segundo grupo focal teve a duração de uma hora, e as perguntas foram determinadas a partir do conteúdo da transcrição do primeiro encontro.

Outro grupo pesquisado foi a “equipe de apoio”, composta por dezessete pessoas. Para este grupo a escola cedeu um horário de reunião regular de trabalho deste mesmo grupo, assim todos puderam participar.

A técnica escolhida foi o World Café, com duração de uma hora.

Word Café é um processo participativo aparentemente simples que tem uma fenomenal capacidade de trabalhar a diversidade e complexidade no grupo, fazendo emergir a inteligência coletiva. Trata-se de um processo de diálogo em grupos, que pode levar de algumas horas a alguns dias, nos quais participantes se dividem em diversas mesas, e conversam em torno de uma pergunta central. O processo é organizado de forma que as pessoas circulem entre os diversos grupos e conversas, conectando e polinizando as idéias, tornando visível a inteligência e a sabedoria do coletivo. Ao final do processo (ou ao longo do mesmo, caso seja necessário) faz-se uma colheita das percepções e aprendizados coletivos.

A enorme interação entre os participantes e os relacionamentos complexos e não lineares podem trazer impressionantes resultados sistêmicos e emergentes. (COCRIAR – Inovação Organizacional e Sustentabilidade, 2011)

Foram feitas três perguntas centrais. Este trabalho não foi gravado e as respostas foram organizadas em um texto.

Os dados foram analisados de acordo com o método do Discurso do Sujeito Coletivo.

Consiste em uma modalidade de análise de discursos obtidos em depoimentos verbais ou obtidos em qualquer manifestação discursiva que se possa encontrar em textos e documentos escritos. Um dos objetivos da técnica a partir dos procedimentos que adota é reduzir a variabilidade naturalmente presente nos discursos, visando com isso validar o conhecimento que o autor do discurso representa em sua fala. É em face disso, que na obtenção de qualquer discurso, mas, sobretudo do discurso verbal, a liberdade de falar, pensar livre e argumentar dos depoentes deve ser valorizada. (SALES, SOUZA, JON, 2007 pg 132)

4.3 Procedimento de Coleta de Dados

A Escola Viva Vida possui o Centro de Estudos Madalena Freire, que produziu uma Coleção “Cadernos de Reflexão”. Até este momento, a coleção possui três publicações: a número 1: O MOVIMENTO QUE DESENHA, a número 2: ESPAÇO QUE EDUCA, BRINCA, CUIDA e a número 3 que tem dois títulos: FESTAS e ESPAÇOS PARA O BRINCAR E A BRINCADEIRA. Também tem publicado o seu PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Esta pesquisa teve acesso às publicações nº 2 e nº 3 e ao Projeto Político Pedagógico.

Estas publicações são parte da proposta metodológica da escola e têm como objetivo tornar visível os processos internos vividos pelo coletivo de educadores. São organizadas de maneira a ficar claro para o leitor como foi a construção da reflexão do tema. Após esta localização aparecem os textos produzidos pelos educadores no decorrer do processo.

Destas publicações duas delas foram utilizadas e produzido um discurso coletivo a cerca de como são geradas.

O Projeto Político Pedagógico foi base para a descrição da escola e a referência para comparação do discurso coletivo encontrado na pesquisa.

O Questionário para professores foi encaminhado para 35 pessoas e obtivemos 6 retornos. O grupo que respondeu é composto por indivíduos em sua maioria do gênero feminino, sendo um deles do gênero masculino, tem predominância da faixa etária entre 20 e 30 anos. Todos possuem grau superior

completo, sendo a maior parte formada em pedagogia. Duas das participantes do grupo possuem outras formações, em Psicologia e Ciências Sociais.

Em quase totalidade dos casos, o tempo de experiência com educação é o mesmo tempo de trabalho nesta Instituição de ensino, com exceção de um caso onde em o tempo no Espaço Viva Vida corresponde a mais da metade do tempo na área de educação. A média de tempo de experiência com educação do grupo é de 10 anos e 3 meses, e a média de tempo de experiência no Espaço Viva Vida é 7 anos.

O questionário para a coordenação pedagógica e direção foi encaminhado para 6 pessoas, deste grupo retornaram 3 respostas.

Este grupo é composto exclusivamente pelo gênero feminino, com faixa etária entre 30 e 50 anos. Duas das pesquisadas possuem formação em Pedagogia e em Psicologia, respectivamente. Uma das pesquisadas tem o mesmo tempo de experiência de educação e de trabalho na Instituição – 14 anos, as outras têm 18 e 16 anos de experiência com educação fora desta Instituição de ensino, e 17 e 12 anos de trabalho na escola, respectivamente.

O convite para a participação do grupo focal foi aberto para os educadores da Instituição, quais sejam os diretores, coordenadores pedagógicos, professores e auxiliares, o que confere um total de 35 pessoas.

O primeiro grupo focal foi realizado com a participação de 9 integrantes, sendo 2 coordenadoras pedagógicas e 7 professores. A maior parte é do gênero feminino, tendo apenas um representante do gênero masculino. A maior parte do grupo era da faixa etária entre 20 e 30 anos, sendo 2/3 do grupo, o restante era da faixa etária entre 30 e 40 anos. O tempo médio que este grupo trabalha no Espaço Viva Vida é de 14 anos e 3 meses.

O segundo grupo focal foi decorrência do primeiro, sendo composto praticamente pelos mesmos participantes. Apenas dois deles não puderam comparecer. Este grupo continha 7 pessoas e era exclusivamente feminino, 3 das pessoas presentes têm entre 30 e 40 anos e o restante tem entre 20 e 30 anos. Estavam presentes 5 professoras e 2 coordenadoras pedagógicas.

O World Café continha 17 participantes: 06 do gênero masculino e 11 do gênero feminino. O que tem menos tempo na Escola trabalha há 3 meses, o que tem mais tempo há 10 anos. As funções exercidas pelo grupo denominado equipe de apoio são: 09 auxiliares de serviços gerais, 03 porteiros, 02 serviços de apoio do integrado, 02 cozinheiros e 01 zelador.

O questionário para ex-alunos foi enviado para 3 pessoas via e-mail, e um quarto questionário foi aplicado pessoalmente. Destes três enviados, 2 questionários retornaram preenchidos por e-mail. Sendo assim tivemos três repostas deste grupo, todas do gênero feminino: duas com 15 e uma com 7 anos de idade.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

5.1 Discurso do Sujeito Coletivo

O Discurso do Sujeito Coletivo é um texto criado com o material verbal dos participantes, proveniente das diferentes técnicas de coleta de dados utilizadas. Foram analisados os principais conteúdos através das expressões-chave que deram origem às ideias centrais. Esses discursos expressam um pensamento comum encontrado nas publicações e relatos verbais respectivamente.

5.1.1 Publicações da Coleção Cadernos de Reflexão

Referente às publicações do Centro de Estudos Madalena Freire

5.1.1a O conceito da publicação

São textos e imagens que refletem o movimento da escola, produzidos ao longo do caminho, sentimentos que vivemos, o fazer pedagógico desvelado no coletivo, explicitar a prática e documentá-la, síntese das discussões e conclusões. Tornar público e contribuir para a reflexão de outros educadores.

5.1.1b Como se dá a construção do conhecimento

Identificando questões, o que eu penso, o que nós pensamos, síntese do que a escola pensa, o significado. Por meio da negociação, reinventar coletivamente, discutindo e documentando. Produz conhecimento e divulga.

5.1.1c Como se dá o processo de reflexão

Os educadores têm indagado sobre as origens, os objetivos e a forma. Por meio da elaboração das questões, delimitamos melhor o nosso “problema”. Pensar um caminho para ir atrás de respostas. Uma comissão foi formada e começou a desembrulhar nosso objeto de estudo, festa como espaço social. Um referencial teórico para alimentar as discussões, negociar significados, reinventar coletivamente, a ideia de ciclos ficou muito forte para o grupo e começamos a pensar a partir deles.

5.1.2 Grupo Focal 1

Composto por 2 coordenadoras pedagógicas e 7 professores

5.1.2a Como usam a arte na escola

Temos muito espaço na educação infantil. O espaço da experiência. Temos todo um processo de trabalho. O professor trabalha a sua maneira. Propor a experimentação para a criança, entrar em contato com a arte. Uso de elementos estéticos, levar alguns autores, alimentar as crianças. Ideia de experimentação. Alma. Pode olhar, observar, ver o que pensa, o que se sente. Deve chegar até a criança. Pensar nas hipóteses. Como o artista criou. Momentos de experiências mesmo. Arte e experiência ligadas à sensibilidade.

5.1.2b Iniciação do contato da criança com a arte

A gente pensa a arte. Objetivando despertar a sensibilidade da criança. Ligado à experimentação, à sensação. Iniciar esse olhar mais sensível. Coisa de contato. Materiais, as crianças vão modificando a maneira que usam. No começo eles não querem colocar a mão em materiais que sujam. Com o tempo, eles mesmos vão pedindo essas melecas e, quando vemos, estão totalmente envolvidos.

5.1.2c Relação com a obra de arte

Sempre na roda de leitura levava para eles a obra. Eles começaram a reconhecer pelas imagens. Em todos os lugares por onde passávamos. Eles não fazem essa separação que o adulto faz. O distanciamento da arte. Desenvolvem isso observando o meio em que vivem. O olhar começou a mudar.

Tentamos estimular. Peguei o gancho e levei a obra. Comecei a trabalhar na mesma linha. Eles reconheciam quem eram os autores da obra. Eles estão reconhecendo a autoria de cada um, sua marca.

5.1.2d O objetivo

Quando começamos a pensar em arte. Estamos trabalhando com o corpo, com experimentação. Que possam enxergar esse mundo, lugares diferentes, materiais diferentes, como vão lendo com este material, outro ponto de vista. Usar de diversas formas, ao mesmo tempo, próximo do que é a ciência. Queremos que eles sejam curiosos, que questionem. Ajudá-los a caminhar com esse pensamento, colocar indagação naquela experiência.

5.1.2e Interação educador aluno

Eles que trazem a questão. Alunos que querem aprender. Eles tentam e não conseguem, depois vai saindo. Estão há muito tempo pensando como. Você está de olho, todos os dias observando, vai jogando, percebendo. Avaliação constante. Eles trazem o que eles têm de experiência, você vai resolvendo com eles, quando eles conversam. Você traz em uma aula.

Vejo a criança criativa, não consigo pensar a criança que só quer receber, ele vai querer contar.

5.1.2f Reflexão sobre a formação dos professores

A gente ensina o que a gente é. Se eu como professor não tenho essa referência, se o meu olhar não foi construído fica difícil me deslocar para esta situação. Se o adulto não vê como importante vai continuar reproduzindo. A gente ensina o que a gente é, certo? Se eu como professor não tenho essa referência na minha vida, se meu olhar não foi construído anteriormente, fica difícil me deslocar para localizar essas situações. Realmente é um desafio, tem que buscar senão tudo vira cópia. O porquê é o que faz o professor não se perder. Se tiver claro porque daquela forma deixo os materiais ali à disposição.

Porque de fato eles são muito criativos, enxergam possibilidades. Muitas coisas ainda vão aparecer.

5.1.2g O Valor do grupo

Aprender a negociar o que cada um vai pensando. Chegam até o G6 conseguindo negociar. Como grupo eles dão conta.

5.1.2h Palavras finais

Crescimento; Descoberta; Experimentação; Sensibilidade; Experiência; Olhar.

5.1.3 Grupo Focal 2

Composto por 5 professoras e 2 coordenadoras pedagógicas

5.1.3a Visão do trabalho na perspectiva da arte

Nosso trabalho é arte, processo criador, fazemos o tempo todo. Tem as crianças, os pais, os colegas, precisa adaptar a forma para poder trabalhar. A gente vai muito nesse caminho, a arte contemporânea como forma de modificar o meio. Causar um desconforto para mobilizar, recurso para poder mobilizar. A experimentação é forte. Outra palavra que explica é transformação. A gente fala de expressividade, liberdade. Transformação vem da expressão, atitude, olhar, isso chamamos de arte, me toca, produz sentimento, independente do produto final.

5.1.3b Relato de experiência com as crianças

Dois alunos tomaram banho de tinta. Encontrei uma bagunça. O pessoal de apoio em reunião, não poderia deixar bagunça, falei para eles vocês vão sentar aqui e nós vamos dar um jeito nisso. Para eles foi muito forte limparem o banheiro, todo mundo que entrava eles contavam orgulhosos. Acreditem eles são capazes. Isso é arte até no sentido pejorativo: você faz arte.

5.1.3c Falando do trabalho com as crianças

Vê a criança buscando um meio, uma experiência. Era um desafio, ela transformou numa brincadeira ou era uma brincadeira ela fez virar uma produção. Mistura do que é real com a fantasia, você se reinventa o outro te reinventa. E o que experimentamos tentamos proporcionar. A gente vivencia e modifica a gente antes do outro, a gente tem uma frase: se a gente não acreditar o trabalho não vai.....não vai rolar, a nossa crença contagia o outro. Na escola temos objetivos didáticos, nossa escolha é trabalhar com o criativo, com o processo de criação, investiga o grupo, se insere no grupo. A partir daí vai saber que caminhos adotar. Utilizamos o improviso, mas sabemos o que estamos fazendo.

5.1.3d Formação dos professores/Relato de história pessoal

Fui uma pessoa que sempre trabalhou em escolas tradicionais. Eu mudei de linha de educação, depois surgiram desafios. Atribuo à ajuda da coordenação me instigando e apresentando possibilidades, fotografia, alfabetização visual, constante reflexão, faz com que ampliemos o olhar. A própria experiência é fundamental, ampliar o repertório, experimentar. É bem pessoal, um curso mudou a visão, trabalho de auto conhecimento, o contato com o outro fez a diferença, a bagagem que cada um traz. Buscar algo mais, criança me encanta, surge o desejo de ser professor. Venho de uma família envolvida com música, bagagem de infância, o outro teatro. A gente troca, troca importante. Estudei em escolas tradicionais, cai em escola construtivista, precisei correr atrás, os princípios e valores diferentes da minha formação, o olhar e educação de outro jeito: primeiro olhar, depois perceber o tipo de relação, o papel do coordenador é fundamental, traz algo mais. Fui educadora de escola tradicional. A gente vai se educando. É um exercício, não é natural, depois se torna natural. No começo se obriga, vou entendendo porque o outro gosta, não é natural. Entrei no curso, estava numa crise, fui procurar uma forma de expressar. Eu estava sentindo, pensei em fazer, sempre gostei, tinha um tio, convivi pouco, eu fui atrás . O coordenador faz toda a diferença, nossas companhias contam muito. Quintas culturais na escola, são propostas diferentes, fui buscar para a minha formação como professora outras formas de linguagem, outras formas de alcançar a criança, funcionou para quem estava aberto. Era muito sensorial a linguagem verbal pouco utilizada.

5.1.3e Pensando sobre o desenvolvimento dos alunos

A gente acredita que o trabalho faz diferença. O diferente é o olhar, ajuda-los a conseguirem fazer as escolhas, terem opção, saberem as possibilidades, correr atrás, lutar pelo o que querem, relação com o novo. Das escolhas da arte ligado a questão do olhar. Valorizar as relações, as relações afetivas. A gente quer que eles se percebam como agentes desse mundo, precisamos ter consciência: os agentes transformadores são eles, isso traz responsabilidade.

5.1.3f Cidadania

Diferenciação do que é individual, no grupo, no coletivo, conversamos bastante sobre isso: a relação com eles, indivíduo, coletivo e rua, o espaço para coletividade. Vamos enxergando o que já tem, o que falta, não dá para educar sem unir o público e o político, acontecem nos grupos são questões das negociações.

5.1.3g Relato de experiência

Fiz um trabalho, no começo eles estavam “presos, daí eles começaram a ampliar, olhar de maneira diferente. Eles questionaram qual é o significado, a gente vai realizar outro dia, eles escolheram uma música, eu não entendi, perguntei O porquê, eles fizeram um link. Uma criança usando cadeira de rodas, tinha uma negociação de mudar para uma sala, eles falaram: a gente está mudando não para ajudar alguém mas para ajudar um amigo, é muito melhor. Eu lembrei da oficina de criação e expressão, trabalha a transformação no mundo com as crianças. Foi feito na escola toda. No final as crianças saíram pelas ruas, saía pelo quarteirão, vendo o tipo de lixo, os alunos cataram o lixo da rua. Um que estudou aqui, ele tem 5 anos, tem coragem de abordar uma pessoa na rua: caiu um lixo da sua mão.

5.1.3h Reflexão das experiências/visualização de necessidades/pensando no futuro

Pensando nesse pequeno grupo, de ex-alunos, indivíduo na sociedade, eles destoam. É que vai ganhando corpo com o passar dos anos, nos pequenos grupos se fortalecem, mas nessa sociedade maior, eles são dissolvidos. Fica claro o quanto precisamos ir fortalecendo isto, dados em doses homeopáticas, ficam na estrelinhas, marcadas, podemos perceber tem o dedo meu. Isto é arte, o nosso trabalho, a arte trabalha a criança lá dentro, o olhar.

5.1.4 World Café

Formado por 17 participantes do grupo de apoio

5.1.4a Tempo na escola

O mais novo tem 3 meses de dedicação à Escola, o mais antigo 10 anos e alguns tem uma média de 5 a 7 anos.

5.1.4b Descobertas através da arte

Descobrir costumes de outros povos e outros estados. Para a criança valorizar e respeitar a cultura, grande desenvolvimento e conhecimento.

5.1.4c Relação arte e criança

A arte vem da criança, sem a criança não tem arte. Parece que ela não tem noção do que está fazendo, no final a gente olha e acha bonito. Desenvolver a coordenação motora. A arte é uma linguagem, porque ela é desenhada.

5.1.4d Relação com as crianças

5.1.4d1 Aprendizado e crescimento

Faz grande diferença, porque acabo aprendendo com as crianças, neste momento vem lembranças do que foi ser criança. É bom para passar para os filhos. Isso faz sentir prazer de chegar em casa e ter um tempo com a minha filha. Eles ensinam. Eu sempre participo. A gente acaba aprendendo com eles e através disso, a gente acaba se desenvolvendo, aprendendo... Acho um desenho legal, foi uma criança que fez, então eu posso fazer também. Despertei para voltar a estudar, como ela ali.

Cada um tem um jeito especial, tem uma maneira diferente de se expressar.

5.1.4d2 Carinho e afeição

Temos carinho por eles, gosto muito de criança. Eles pedem para a gente contar história, eles mesmos escolhem a história. Estar junto, a criança ter mais contato com a gente. Às vezes a gente acorda meio com preguiça de ir trabalhar, mas depois é gratificante trabalhar com as crianças, o carinho é tão bom.

5.1.4d2 Pertencimento e responsabilidade

Também somos professores, educadores. Tem algo que através da gente, eles gostam e levam para os pais.

5.1.4e Contribuições para o mundo

5.1.4e1 Preservação ambiental, sustentabilidade e reciclagem

Faz uma diferença grande, a gente mostra para eles a atitude de preservar o planeta, a gente ensina o significado e como preservar, ter um planeta melhor. Igual aqui na escola tem um sofá de embalagem de suco reciclável, vai ser muito bom para as crianças lá na frente dá para fazer com outros materiais. Dá para fazer muitas coisas com garrafa PET, vidro. Esta ideia de reciclagem vai melhorar muito o planeta. É uma semente que se planta para colher amanhã; Ensinamos o significado de preservar; tentar reverter a situação do que fizemos com o planeta;

5.1.4e2 Valorização do lugar

Valorizar a cidade, o país que mora.

5.1.4e3 Valores humanos

Faz uma grande diferença, o nosso futuro depende das crianças, cada ação. Sempre ensinar, aproveitar de tudo um pouco, refletir tudo que viveu hoje e utilizar no amanhã. Estou vendo o resultado nos meus filhos, o amor, o respeito, conquistar os seus objetivos. E, futuramente, eles podem ter uma ideia, construir um futuro melhor para o mundo inteiro.

5.1.4f Palavras finais

Amor, Companheirismo, Gratificação, Carinho, Solidariedade, Alegria, Respeito, Compreensão, Dedicção, União, Sonho, Responsabilidade, Nunca desistir, Sempre seguir em frente, Maternidade, União, Parceria, Aprendizado, Compreensão, Afeto, Viver.

5.2 Categorias dos Questionários

5.2.1 Experiência com a arte como um diferencial no trabalho de educador

Todos os entrevistados declararam não terem feito uma formação específica em artes. Seis admitiram ter desenvolvido alguma expressão artística a partir do trabalho como educador e com as crianças e seis dos entrevistados consideraram a experiência pessoal com a arte como diferencial no trabalho desenvolvido com as crianças.

5.2.2 Identificação das crianças através de sua produção.

Destinada a professores/assistentes

Cinco entrevistados declararam sim e um declarou não ter costume de identificar as crianças por não ter formação para este tipo de análise.

5.2.3 Avaliação da formação dos professores

Direcionada para os diretores e coordenadores, totalizando três pessoas.

Dois dos entrevistados consideram que a formação dos professores deficiente. Um considera a arte como o melhor caminho para ampliar o olhar do educador.

5.2.4 Recursos para formação de grupos

Destinada a professores/assistentes

Quatro dos entrevistados responderam que a utilizam jogos, brincadeiras ou atividades de interesse comum para formar grupos. Um entrevistado utiliza, às vezes, um objeto de cada criança, reunidos em um recipiente como forma de identificação grupal.

5.2.5 Aspectos de apreensão da noção de grupo

Destinada a professores/assistentes

Um dos entrevistados utiliza a repetição para que se identifiquem e desenvolvam a identidade de grupo.

Cinco dos entrevistados consideram que a criança formou uma noção de grupo quando interagem entre si. Quer seja em construção conjunta, no compartilhamento de lanches ou durante um trabalho proposto.

5.2.6 Aspectos da formação dos professores e dos alunos

Destinada à diretoria/coordenação

Uma das entrevistadas não entendeu a pergunta sobre a formação dos professores.

Outra entrevistada observa as relações que os professores estabelecem com o conhecimento, o olhar investigativo e a autonomia para buscar novos recursos para sua formação.

Outra considera, em relação aos professores, o movimento individual como fator desencadeante de um movimento grupal e quando identifica a circulação de papéis e o reconhecimento dos individuais na produção coletiva. Considerou a formação das crianças como uma construção, sendo resultado de um processo.

5.2.7 Indicadores do aprendizado dos alunos

Destinado a todos os entrevistados

Cinco dos entrevistados observam como indicadores a fala e as atitudes da criança.

Uma delas considera como marco da apreensão a experimentação, por si, de novas hipóteses.

Outra entrevistada considera que se revela pelo desenvolvimento do olhar estético e sensível para as diferentes formas de manifestação artística.

Outra considera que a aprendizagem se revela quando se consegue estabelecer conexões, entrelaçar teias e construir novas aprendizagens.

Outra considera que é a resposta que surpreende, a ação que não era esperada, o inusitado.

5.2.8 Contribuição da expressão artística para o desenvolvimento da autonomia da criança

Destinada a todos os entrevistados.

Um dos entrevistados acredita que a expressão artística contribui para a construção de repertório de mundo, mas não necessariamente para o desenvolvimento da autonomia da criança.

Os demais entrevistados consideram que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança. Através da arte a criança experimenta e explora a noção de “autoria”. Reconhece-se responsável pelo que faz e sabe-se parte integrante do próprio projeto. Percebe-se capaz de produzir e tenta fazer sozinho. É uma chance de expressão, a partir de uma escolha, de que forma se relacionar com o mundo.

5.2.9 Contribuição da arte na maneira como a criança percebe o mundo.

Destinada aos professores/assistentes

Todos os entrevistados consideram que a arte oferece maiores possibilidades de visões de mundo. É um instrumento libertário, uma forma de autoconhecimento e expressão. Desenvolve a sensibilidade.

5.2.10 A interferência da arte na relação da criança com o meio.

Destinada a todos os entrevistados.

Todos os entrevistados consideram que a arte interfere na relação da criança com o meio porque a arte provoca inquietação, estimula a criatividade, amplia o mundo da criança e altera a forma de se relacionar com o meio e com o outro.

5.2.11 Contribuições da arte para um novo paradigma social.

Destinada aos diretores/coordenadores

Todas as entrevistadas consideram a contribuição da arte nas mudanças sociais ao longo do processo histórico, entretanto duas delas consideram que

apenas uma pequena parcela da população tem acesso. Outra entrevistada questiona quais paradigmas serão construídos.

5.2.12 Estímulos para pensar a vida

Destinada a todos

Um dos entrevistados não respondeu a pergunta.

Dois deles consideram que a criança pensa naturalmente sobre sua vida.

Quatro deles consideram que os estímulos são o convite para diferentes experimentações. Um deles considera a experimentação conjunta. Outro considera o convite a ver o mundo a partir de diferentes olhares a partir de questionamentos constantes.

5.2.13 Contribuições do Projeto Político Pedagógico da Escola no dia a dia.

Destinada a todos

Um dos entrevistados não respondeu. Seis dos entrevistados consideram que o Projeto Político Pedagógico da Escola norteia as ações do dia a dia. Outro entrevistado considera que contribui na construção conjunta do dia a dia não só da escola, mas da vida pessoal. Outro entende que reflete crenças e valores da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma trança numinosa

Usarei o termo “numinoso” para significar estes encontros. Para este momento uma breve citação:

É a questão de como um ser finito pode conhecer o ser infinito. Como um ser limitado como nós pode fazer a experiência do ilimitado. Não é uma ilusão. Não é uma impossibilidade que é como um sintoma da não aceitação de nossos limites. (LELOUP, 2002 pg 105)¹

Esta sociedade de automatismos que cria a separação, que lê o mundo em segmentos compartimentalizados, que promove a cisão e não comporta a diversidade, aliena o homem de seu próprio centro.

E o seu traço, que era expressão do seu pensamento, deixa de sê-lo para se tornar alheio a ele. (MOREIRA, 1993 pg.70)

Dissemina a lógica do certo ou errado e de tantas faltas: a falta de tempo, de espaço, de quintais, de abraços, de escuta, de reflexões, de encontro. Rouba-nos o tempo da curiosidade e da busca. Cria mecanismos de ilusão que nos impulsionam a uma busca sem direção, virtual, vazia, para fora, sem significado, que já nasce sem a probabilidade de transformar.

O homem comum fica sem a possibilidade de criar seu próprio projeto, de lançar-se para frente. Perde seu desenho, fica sem contorno. É massa que consome produção massificada. (MOREIRA, 1993 pg.54)

Não tem poesia, não tem encantamento, não tem criação. “E agora José?” (DRUMMOND, 1980 pg. 24). Impossível lançar-se para frente, estabelecer qualquer coerência, qualquer dinâmica organizativa interna, identificados que estamos com esse emaranhado. É mais provável que as conexões sejam percebidas como uma “cama de gatos” do que como a “teia da vida”.

¹ Para Rudolf Otto, “numinoso” é o aspecto *irracional* do sagrado, que foge a uma apreensão conceitual e apenas faz sentido por encontrar eco na experiência vivida. É o *mysterium* que quando manifesto se faz perceber como algo distinto da realidade que experimentamos, é o *totalmente outro*. Para Jung, sagrado e arquétipo são conceitos que exigem viver a experiência como única forma de serem compreendidos e na poética do educador Ruy Cezar do Espírito Santo, “Tangenciar o Sagrado é descobrir a magia do ser humano, sua significação e sua grandeza. É tirar do “mais dentro”, o que até agora procurávamos nas estrelas...”

A Escola Viva Vida é um desses poucos espaços de coerência. Eles não “domesticam” crianças, eles se relacionam com elas.

Isto significa que eles as veem, em suas particularidades. Aprendem com elas, sem abrir mão do seu papel fundamental de orientador/educador. Esforçam-se em conhecê-las, valorizam suas trajetórias. Reconhecem o seu saber e estimulam o seu caminhar.

Criança é competente para viver, ouvir, aprender a comunicar-se e atribuir significado às próprias experiências. (EDWARDS *apud* Projeto Político Pedagógico)

As produções das crianças dizem muito sobre elas: como estão, como pensam, qual o seu processo, são caminhos que muitas vezes usam para colocar para fora o que se passa dentro delas.

Mulher, 20 a 30 anos, (ANEXO III pg.1)

Também somos professores, educadores. Tem algo que através da gente, eles gostam e levam para os pais.

DSC World Café, 4.2

Como por exemplo, estou nesse momento com dois alunos querem aprender a desenhar as mãos deles... Então, eles tentam e daí não conseguem – “Isso não é minha mão!” Depois vai saindo, porque eles estão há muito tempo já pensando como vão desenhar as mãos deles

Transcrição Grupo Focal I

A criança aprende no viver diário. O Projeto Político Pedagógico não é uma série de normas impostas, é um sonho compartilhado e trabalhado todos os dias. Toda sua comunidade se transforma. Ninguém fica alheio ao desenvolvimento, crescimento e o refazer de si próprio.

A gente acaba aprendendo com eles e através disso, a gente acaba se desenvolvendo, aprendendo...

DSC World Café, 4.1

Na minha visão, eu fui uma pessoa que sempre trabalhou em escolas tradicionais, por cinco anos e depois eu mudei de linha de educação... Eu atribuo isso à ajuda da coordenação mesmo, que ficou me instigando e apresentando outras possibilidades... Depois de algum tempo surgiram uns desejos, o desejo pela fotografia por exemplo, pela alfabetização visual, aí fui crescendo cada vez mais...

Transcrição do Grupo Focal II

Quando eu entrei aqui... também fui educadora de escola tradicional... Mas, a gente vai se educando... É um exercício, não é natural... Depois se torna natural, mas no começo você se obriga... Não é uma vivência natural...

Transcrição do Grupo Focal II

Compartilha seu sonho dentro e fora de seus muros, fazendo uso das mais diferentes linguagens artísticas.

Permeando as ações do cotidiano com manifestações artísticas, seja na área visual, corporal, literária ou expressiva, possibilitamos que venha à tona a capacidade criativa que todo ser humano possui. A interação entre instâncias individuais e institucionais cria um ciclo propício, que enriquece nossos alunos, nossos profissionais, a comunidade em que se inserem e a sociedade como um todo que, favorecendo-nos, é também favorecida por nós. (Projeto Político Pedagógico)

Promove a experiência de refletir e contribuir para a construção de uma sociedade proporcionando um espírito de cooperação e inclusão.

Eu fiz um trabalho com eles no primeiro semestre sobre realizar sonhos...[] daí eles começaram a ampliar e olhar para o sonho de uma maneira bem diferente. Começaram a olhar os sonhos de outras pessoas ...[] Aí a gente foi realizar o sonho de um abrigo, mobilizamos a Escola para ter uma biblioteca, para juntar brinquedos que não utilizavam mais... compramos o videoquê para o abrigo...

Transcrição do Grupo Focal II

Este tipo de ação, que a criança vive como um jogo de descobertas amplia a percepção da criança para o mundo à sua volta. Conecta-a com a realidade de acordo com sua prontidão emocional. Desperta a curiosidade e estimula um sentimento natural da criança de pensar o mundo, o que acontece nele e projetar uma nova realidade.

Outra coisa que eu acho que fica forte quando começamos a pensar em arte, é que se a gente está trabalhando o corpo com experimentações e proporcionando a eles que possam enxergar esse mundo por outro ponto de vista, podendo leva-los a lugares diferentes, com materiais diferentes e usar aquilo de diversas formas, a gente está muito próximo do que é ciência ao mesmo tempo. Isso vai se fundindo muito. Então, quando usamos a palavra experimentar ela realmente aproxima e é o que a gente está querendo. Queremos que eles sejam curiosos, que questionem o que deve ser feito, como é possível ser feito e porquê foi possível... Por que passou a luz pela janela e aqui a luz deixa mais vermelho? E colocar indagações naquela experiência: será que

se a gente colocar um papel vermelho naquela janela conseguimos fazer o vermelho como vimos naquele dia? E ajuda-los a caminhar com esse pensamento, com o que eles vão vendo e com o material que a gente dá...

Transcrição Grupo Focal 1

Legitima a criança e promove sua construção como ser integral. Ana Angélica relata uma conversa com uma criança de 4 anos:

Certa vez, respondendo a uma criança de 4 anos, que museu é um lugar onde se guarda desenhos, ouvi esta pergunta: “Os meus também estão lá?” (MOREIRA, 1993 pg. 52)

A Viva Vida, em sua coerência, transforma-se, todo ano, num museu para suas crianças e recebe a comunidade, não só os pais, para **conhecer suas histórias** (grifo meu)

Museu por valorizar e preservar a memória, a história, principalmente no tocante à arte das crianças.

Museu pela possibilidade de expor uma história da escola e dos educadores com a criança.

Cada projeto exposto fazia parte da história de cada grupo envolvido, revelava aprendizado, experiência. As crianças se viam nos trabalhos e assim reconstruíam seu passado...

Aquele que considera o humano não poderia deixar de lado suas construções, seu desenvolvimento. O humano que reflete, que pensa sobre si. O auto-conhecimento é um comportamento que se aprende... na mais tenra infância, mostrando, amando e se apropriando dos próprios feitos. (Espaço que Educa, Brinca, Cuida. Cadernos de Reflexão nº2)

Isto é levado tão a sério que através das suas reflexões e estudos promovidos pelo Centro Madalena Freire e em suas reuniões, a escola construiu o conceito de “autoria” interligado “radicalmente” ao conceito de autonomia:

As crianças estão a cada dia conquistando sua própria autonomia, movimento este que não se encerra enquanto estamos vivos. Este é um conceito radicalmente interligado ao de autoria. Ser autor é reconhecer-se como responsável pelo que foi feito, é saber-se parte integrante do próprio projeto. Ser autônomo é ter nas mãos este projeto. E a arte é o espaço da surpresa, da fresta que nos faz ver diferente. Assim como a Ciência que também é um meio de suspensão do óbvio, do acordado. E é neste espaço e no diálogo que travamos com as crianças que vamos dando a ela as rédeas (e a consciência) de seu projeto de vida. E isso é o que constrói na criança esta noção de autoria.

Questionário qualitativo, mulher, entre 40 e 50 anos

Através da arte, eles experimentam e exploram a noção de autoria. Percebendo-se capazes de produzir, vão em busca do tentar, fazer sozinho...

Costumo achar que o contato com a arte, a possibilidade de criar, explorar, transformar, fazem com que a criança tenha uma participação ativa em tudo que a cerca.

Questionário qualitativo, mulher, entre 20 e 30 anos

Vejo a arte como algo questionador, algo que deve ter intenção. Para se ter intenção, deve existir um objetivo e uma reflexão. Além disso, fazer arte é experimentar, e isso para a criança é muito importante. Faer, refazer e fazer de novo. Para criar maneiras e aprimorar técnicas, além disso, conseguir expressar-se

Questionário qualitativo, homem, entre 20 e 30 anos.

Acho que mais do que contribuir (a expressão artística) para sua autonomia, contribui para sua autoria, para o ousar-se como forma de assumir-se de afirmar ou negar o que gosta, o que quer naquele momento, os sentimentos etc.

Questionário qualitativo, mulher, entre 20 e 30 anos.

A arte dá a possibilidade da criança usar a imaginação e descobrir outras maneiras que não só as usuais de construir suas hipóteses e de lidar com suas problemáticas.

Questionário qualitativo, mulher, entre 20 e 30 anos

Inúmeros são os relatos que mostram claramente a contribuição da experimentação da linguagem artística como espaços facilitadores e até mesmo determinantes para o exercício fundamental de construção de si mesmo.

Voltando ao diagrama da estrela apresentado anteriormente no Capítulo 2, podemos acrescentar algo além: o fazer artístico auxilia no equilíbrio das funções através do uso da vontade.

O contato com a arte ou este espaço de livre expressão dirigida porque segue a um propósito, desperta a consciência para este centro organizador interno. O eu e a vontade estão “intimamente ligados” (ASSAGIOLI, 2005).

Neste treino lúdico, mas intencional de fazer escolhas, estabelecer relações, interagir de “dentro pra fora e de fora pra dentro” amplia-se a consciência.

O modo de vida automatizado induz-nos a perceber e responder ao mundo e ao que nos acontece internamente, fazendo uso de uma ou outra função. Temos dificuldade em perceber os eventos em sua totalidade. Assim, respondemos também

de forma fragmentada e sem a menor chance de pensar de que outra maneira poderia ser.

Gastamos muita energia tentando ordenar sentimentos, na maioria das vezes conflituosos, em caixinhas de pensamentos determinados. Dificilmente conseguimos fazer um bom uso de nossa intuição: costumamos oscilar entre a negação ou a desculpa mais incontestes para romper com a realidade.

Com frequência somos reféns de nossa racionalidade, que usa de toda sua habilidade para fazer valer os desejos mais egoístas.

Mas é possível sim negociar com o coletivo sem destruir o indivíduo.

Há também aquele sentimento deles acreditarem que são capazes, não é?

Hoje fiz um relatório, que dois alunos tomaram banho de tinta e aí fui lavar a mão de um deles que estava no banheiro sozinho e encontrei uma bagunça. O pessoal de apoio estava em reunião e eu não poderia deixar aquela bagunça. Já tinha dado tinta num lugar que não costumamos usar para isto, que foi a sala 16, e já tinham feito sujeira lá. Aí eu falei pra eles: vocês vão sentar aqui e nós vamos dar um jeito nisso. Para eles foi muito forte isso de limparem os banheiros. Dei uma bucha para cada um e eles limparam. Pra todo mundo que entrava na sala eles contavam orgulhosos que tinham limpado todo o banheiro...

Transcrição grupo focal 2

É preciso lembrar também que este trabalho é um olhar. Não quero dizer que a arte em seus diferentes aspectos, é a panaceia que será capaz de rever a situação social a que chegamos hoje. Isso seria um paradoxo, pois como bem diz Fayga

As potencialidades e os processos criativos não se restringem, porém, à arte... [] O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam. (FAIGA, 1977 pg 7)

Por outro lado não deixa de ser um convite bastante tentador, mas há que se respeitar as diferenças. Cada pessoa é única, cada comunidade tem um jeito único de funcionar, cada realidade é única. O necessário é que estejamos disponíveis para apreender as diferentes realidades em sua totalidade e entender que a teia da vida se faz desta trama de diversidade.

Quando somos respeitados naquilo que somos, o coletivo é assimilado com naturalidade. Isto é o que mostra um dos símbolos criados pelas crianças e que foi negociado para que ficasse registrado na parede da escola.

São seis bonequinhos ligados uns aos outros. Considero este símbolo a síntese do trabalho realizado nesta escola. Mais um sinal de que é possível a construção conjunta de um novo social.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Estas marcas ilustram também alguns relatos de ex alunos:

A arte também solta o que a gente quer falar para o outro. É assim: a gente pode desenhar para falar para o outro, não precisa falar nem escrever.

Assim se você ficar vendo, você só vai gravar como faz, mas você não vai aprender a fazer do jeito. É melhor você fazer do seu jeito, porque você é você, o outro é o outro.

Relato de ex aluna, menina, 7 anos

Quando nós somos crianças é muito importante brincar e fazer muita arte... Poque ajuda a expressar o que passa dentro de nós.

Relato de ex aluna, adolescente, 15 anos

...[] os professores, que sempre estavam animados, de bom humor para responder qualquer coisa que nós perguntássemos (por mais absurdo que fosse). Acho isso uma coisa muito importante... [] olhar para trás e lembrar de quando a aula era virar as mesas da sala de lado e fingir que estávamos em uma nave espacial... [] O resultado disso? Eu gosto de ir para a escola. De verdade.

Relato de ex aluna, adolescente, 15 anos

BIBLIOGRAFIA

ASSAGIOLI, Roberto. O Ato da Vontade. 4. ed. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 2005

_____. Psicossíntese: Manual de Princípios e Técnicas. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix Ltda.,1992

_____. Ser Transpersonal: Psicossíntesis para el nacimiento de nuestro **Ser real**. Madri: Gaia Ediciones, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico e exercícios por Rita de Cássia Barbosa. São Paulo: Abril Educação, 1980 – Literatura Comentada.

FERRUCCI, Piero. O Que Podemos Vir a Ser. 2. ed. São Paulo: Editora Totalidade, 2007

FIGUEIREDO, Antônio Macena de; SOUZA Soraia R. Goudinho. Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica à apresentação do texto final. Rio de Janeiro: Lumem Juris, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GLEICK, James. Caos: a criação de uma nova ciência. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990

LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. Terapeutas do Desento. 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002

MATTOS, Maria Beatriz da Silva Mattos. Orientação Vocacional: A Escolha do Ser: Uma proposta Transpessoal. São Paulo: Editora Pillares, 2008.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O Espaço do Desenho: a Educação do Educador. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

PARFITT, Will. Elementos da Psicossíntese. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

SANTO, Ruy Cezar do Espírito. O Renascimento do Sagrado na Educação. 5. Ed. São Paulo: Papirus Editora, 2006

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – Escola Viva Vida

CADERNOS DE REFLEXÃO Nº 2 E Nº 3 – Centro de Estudos Madalena Freire

SITES

COCRIAR - <http://www.cocriar.com/nosso-trabalho/Facilitacao-e-Hosting/world-cafe>

CPSP Centro de Psicossíntese de São Paulo –
http://www.psicossintese.org.br/Main/PS_Descricao.asp

EAD, FEA, USP - <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf> Caderno de Pesquisas em Administração, José Luiz Neves, São Paulo, V.1, N°3, 2ºSem./1996 – pág. 02

FABRICIO MORAES - <http://psicologiaanalitica.wordpress.com/2010/04/13/numinoso-do-sagrado-de-otto-ao-arqutipo-de-jung/>

PSICOLOGIA E FILOSOFIA –

<http://an.locaweb.com.br/Webindependente/psicologia/psicologoselinhas/psicologiaholistica.htm> Andras Angyal e o conceito de Biosfera

SCIELO SP - <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v13s2/v13s2a16.pdf>

Autonomia como categoria central no conceito de promoção de saúde; Paulo Fleury-Teixeira, Fernando Antônio Camargo Vaz, Francisco Carlos Cardoso de Campos, Juliana Álvares, Raphael Augusto Teixeira Aguiar, Vinícius de Araújo Oliveira

_____ - <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf> Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos¹, Sônia Maria Guedes Gondim

UDESC – PERIÓDICOS –

<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1361/1167>

Sales, F. de; Souza, F das C de; Jon, VM – O emprego da abordagem DSC (Discurso do Sujeito Coletivo) na pesquisa em Educação in LINHAS, Florianópolis, V. 8. n. 1, jan./jun. 2007 pg 132

ANEXO 1

QUESTIONÁRIOS QUALITATIVOS DIREÇÃO/COORDENAÇÃO

I

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” E UNIVERSIDADE
ABERTA DO MEIO AMBIENTE E CULTURA DE PAZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU
ECOLOGIA, ARTE E SUSTENTABILIDADE

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa desejamos conhecer a sua opinião sobre alguns assuntos que estão vinculados à educação e ao desenvolvimento das crianças. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo:

Gênero: FEM (X) MASC ()

Faixa Etária: 20 a 30 anos () 30 a 40 anos ()

40 a 50 anos (X) Acima de 50 anos ()

Formação Acadêmica: Psicóloga formada pelo IPUSP

Tempo que trabalho com Educação: 18 anos

Tempo que trabalho na Escola Viva Vida: 17 anos

1. Você possui alguma formação na área de artes? Faz diferença no seu trabalho na escola? Não, eu não tenho nenhuma formação em Artes e sinto que estou o tempo todo correndo atrás de conseguir juntar à minha formação intelectual as outras linguagens. Desde que a educação, e principalmente a formação de educadores foi me provocando a desenvolver estas linguagens, comecei a descobrir habilidades e competências que desconhecia. Escrever, desenhar e trabalhar com cerâmica foram grandes surpresas em minha vida.

2. Como você vê a formação dos professores? No papel de formadora, sinto que a Arte é o melhor caminho para ampliarmos o olhar de cada educador para que possam enxergar seu trabalho de maneira complexa e contextualizada e possam dar às crianças a voz sobre seu trabalho. A autoria sobre o trabalho é algo que cada um, no papel de educador, deve propiciar a cada um de seus educandos e, em cadeia, é isso que nos permite criar um espaço educativo onde todos possam ser autores de seu próprio fazer e do fazer de todo o grupo. Trabalhar pela formação do educador e fazê-lo assumir esta autoria e entender da sua responsabilidade para com a autoria de todo o grupo.

3. O que você observa na formação de um grupo de alunos ou professores? Como você percebe que ele foi formado? Como diria Madalena Freire, um grupo se forma quando percebemos que temos um cordão

que une cada um dos participantes e que cada movimento que um faz provoca imediatamente a reação de todos no grupo. Cada movimento individual é sentido como um movimento de todos os outros. Percebemos isso no trabalho com os adultos quando vemos a circulação dos papéis e o reconhecimento dos individuais na produção coletiva. Com as crianças também acontece assim, mas em nosso caso especificamente, nem sempre trabalhamos com esta noção de grupo, pela idade das crianças e pela dificuldade que têm de de fato colocar-se no lugar do outro. Esta é uma construção que se dá na educação infantil, mas que não pode ser considerada como condição primeira, mas sim deve ser vista como resultado de um processo.

4. Como você percebe que o aluno aprendeu? Quando ele nos dá uma resposta que nos surpreende. Quando faz algo que não estava pré-determinado que isso aconteceria. Não há aprendizagem sem deslocamento, sem o inusitado. Muitas vezes, não nos surpreendemos, mas não porque não houve aprendizado, mas sim porque não pudemos enxergá-lo. É papel do formador iluminar este espaço do surpreendente, para podermos reconhecer a aprendizagem.

5. Você considera que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança? Sim. As crianças estão a cada dia conquistando sua própria autonomia, movimento este que não se encerra enquanto estamos vivos. Este é um conceito radicalmente interligado ao de autoria. Ser autor é reconhecer-se como responsável pelo que foi feito, é saber-se parte integrante do próprio projeto. Ser autônomo é ter nas mãos este projeto. E a arte é o espaço da surpresa, da fresta que nos faz ver diferente. Assim como a Ciência que também é um meio de suspensão do óbvio, do acordado. E é neste espaço e no diálogo que travamos com as crianças que vamos dando a ela as rédeas (e a consciência) de seu projeto de vida. E isso é o que constrói na criança esta noção de autoria.

6. Na sua opinião, a arte interfere na relação da criança com o meio que a cerca? Sim, reconhecer a importância da arte e ampliar o olhar é fazer com que o mundo da criança seja maior, mais amplo e portanto mais caro para a sua própria busca de experiência. Com isso, ela vai enxergando além de si mesma e reconhecendo a importância daquilo que está a sua volta.

7. Você acredita que à arte contribui para a formação de um novo paradigma social? A Arte tem sido em toda a história a grande construtora de novos paradigmas. Difícil é, estando inseridos neste contexto onde acontece a ruptura, sabermos de antemão onde isso vai dar. Com certeza será pela via da Arte que se dará toda transformação, seja porque ela é seu registro histórico, seja porque ela é sua possibilidade de realização. Só não saberemos de que Arte estamos falando e nem para onde ela (pelas nossas próprias mãos) nos levará.

8. De que maneira as crianças e professores são estimulados a pensar a vida? Através do diálogo e da percepção de que estamos juntos neste processo. A criança se deslumbra por aquilo que nos deslumbra primeiramente. É um círculo vicioso em que um é mote de deslumbramento para o outro. Quero saber daquilo que inquieta a quem está comigo e meu querer provoca a inquietação do outro também. Educadores e educandos estão juntos nos processos de descoberta, mesmo que em estágios diferentes porque não nos preocupa de antemão o que vai ser descoberto, mas sim o caminho que nos leva a esta descoberta e mais, o que faremos depois dali. Quais as novas perguntas que seremos capazes de formular depois...

9. .Como você identifica o Projeto Político Pedagógico do Espaço Viva Vida no seu dia a dia? Como o lugar de onde falo individualmente em nome de um grupo. É no espaço onde ele foi construído, e onde é atualizado diariamente, que reconheço qual o meu papel neste grupo e quais os valores que devem nortear minhas ações, para além daqueles valores que são constitutivos de minha personalidade. Por sentir-me parte deste processo de projetar o nosso fazer e o nosso educar, sinto que as pessoas que estão se aproximando de nosso trabalho só conseguem se manter aqui se reconhecerem, cedo ou tarde, neste projeto, conexões com o seu próprio projeto de vida.

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmento Silveira

São Paulo, agosto de 2011.

II

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” E UNIVERSIDADE
ABERTA DO MEIO AMBIENTE E CULTURA DE PAZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU
ECOLOGIA, ARTE E SUSTENTABILIDADE

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmiento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa desejamos conhecer a sua opinião sobre alguns assuntos que estão vinculados à educação e ao desenvolvimento das crianças. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo:

Gênero: FEM (X) MASC ()

Faixa Etária: 20 a 30 anos () 30 a 40 anos (X)

40 a 50 anos () Acima de 50 anos ()

Formação Acadêmica: Pedagogia - USP

Tempo que trabalho com Educação: 16 anos

Tempo que trabalho na Escola Espaço VivaVida: 12 anos

1. Você possui alguma formação na área de artes? Faz diferença no seu trabalho na escola?

Não possuo nenhuma formação formal na área de artes. Este foi um ensino deficiente na minha educação formal e informal durante o período escolar. Ao começar a trabalhar em escola – e só trabalhei em escola construtivista e que dá importância às artes – é que fui me formando nessa área, principalmente nas artes plásticas.

Logo no início da minha vida profissional, ia mensalmente ao MAC-USP com as crianças de 6 anos, e a monitoria foi riquíssima para me fazer ver e saber apreciar uma borá de arte, ainda que de forma técnica. Essa experiência me abriu para esse mundo. A partir daí, com o interesse aguçado, foi só me entregar para então estabelecer/descobrir a relação de fruição, de contemplação, de diálogo interno com as artes (plásticas, principalmente).

Até arte-terapia eu fiz.

E é lógico que isso faz toda a diferença no meu trabalho. Possibilita que outras linguagens, não verbais, façam parte do dia a dia, seja com as crianças, seja entre os adultos, e isso possibilita diferentes leituras, diferentes interpretações, diferentes relações... amplia, de fato, o mundo e as possibilidades.

2. Como você vê a formação dos professores?

Vejo a formação dos professores deficiente nesse aspecto. Como disse, minha formação escolar não contemplou isso. A faculdade foi quem me possibilitou um pouco do acesso à cultura, e aí à cultura literária e filosófica.

3. O que você observa na formação de um grupo de alunos ou professores? Como você percebe que ele foi formado?

Desculpe, mas não entendi exatamente essas perguntas. Vocês estão falando com relação às artes, certo?! O que exatamente desejam saber?

4. Como você percebe que o aluno aprendeu?

Na verdade, trabalhamos com alunos da educação infantil, assim, o que observamos é o desenvolvimento do olhar estético, do processo criador, do olhar sensível para as diferentes formas de manifestação artística; além da diferenciação na forma de expressão das crianças.

5. Você considera que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Eu acredito que a ampliação de mundo, a vivência de diferentes formas de se expressar, o olhar sensível, o olhar crítico, a aposta e segurança no processo de criação... são aspectos que levam a criança à autonomia, no sentido de ter opinião/leitura sobre os assuntos, de valorizar o que pensa e o que cria, de se deixar levar pelas diversas linguagens.

6. Na sua opinião, a arte interfere na relação da criança com o meio que a cerca?

Sim, acredito que a resposta anterior contemple essa pergunta. A arte amplia a forma de se relacionar com o mundo, com o meio, com o outro.

7. Você acredita que a arte contribui para a formação de um novo paradigma social?

Sim, se todos tivéssemos acesso à educação e às artes em geral, veríamos o mundo com outros olhos. Isso pode ser clichê, mas nesse caso, não é um discurso vazio, isso por ter a convicção e constatação de que esse tipo de formação faz toda a diferença para o indivíduo e, conseqüentemente, para a sociedade. É uma forma de estabelecer relação e diálogo com o que vê, com o que vive, identificando-se, opondo-se, questionando-se.

8. De que maneira as crianças e professores são estimulados a pensar a vida?

9. .Como você identifica o Projeto Político Pedagógico do Espaço VivaVida no seu dia a dia?

Os valores e princípios ali compartilhados são vividos diariamente aqui na escola. São eles que direcionam nossas ações, nosso fazer, nossa prática: respeito, fruição, diversidade, experimentação, observação, relação, diálogo, contemplação, tempo (interno e externo) – que tempo é esse?/tempo de cada um, criação, olhar, vivência, sensibilidade, estética...

O olhar para o que fazemos, para a prática que acontece no cotidiano das crianças e avaliar, repensar para então manter ou transformar são uma prática recorrente aqui na escola. É uma avaliação constante, um olhar crítico diário para o que fazemos. É a prática com consciência, com objetivo, com planejamento (flexível).

Uma das formas de se fazer isso é através de outras linguagens não verbais, seja através do corpo, do teatro, da música, da imagem...

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmento Silveira

São Paulo, agosto de 2011.

III

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” E UNIVERSIDADE
ABERTA DO MEIO AMBIENTE E CULTURA DE PAZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU
ECOLOGIA, ARTE E SUSTENTABILIDADE

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmiento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa desejamos conhecer a sua opinião sobre alguns assuntos que estão vinculados à educação e ao desenvolvimento das crianças. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo:

Gênero: FEM (X) MASC ()

Faixa Etária: 20 a 30 anos () 30 a 40 anos (X)

40 a 50 anos () Acima de 50 anos ()

Formação Acadêmica: Pedagogia

Tempo que trabalho com Educação: 14 anos

Tempo que trabalho na Escola Espaço VivaVida: 14 anos

1. Você possui alguma formação na área de artes? Faz diferença no seu trabalho na escola?

Tive a oportunidade de participar de alguns encontros sobre a história da arte, fiz dois semestres de curso de teatro e alguns cursos para contadores de história. Hoje também realizo alguns cursos com essa temática (contação de histórias).

Certamente a arte faz diferença no meu trabalho na escola e na minha vida. Trabalhar com educação exige um repertório amplo e a arte é fundamental nessa construção. Enriquece o olhar, possibilita o uso de diferentes linguagens para acessar o outro e realizar construções.

2. Como você vê a formação dos professores?

Aqui na escola temos o privilégio de trabalhar com profissionais diferenciados que contribuem para a formação dos professores. Professores que também estão envolvidos com essa busca e com sua própria formação. Mas, de forma geral, a formação de professores tem sido bastante deficiente. Razões sociais, culturais, políticas... O sistema não favorece. Infelizmente, a formação inicial dos professores (universidade) não oferece uma boa base. Essa busca precisa acontecer em outros espaços e poucos estão dispostos a realizá-la. Mas, temos boas oportunidades para quem quer investir em sua formação.

3. O que você observa na formação de um grupo de alunos ou professores? Como você percebe que ele foi formado?

Essa é uma questão bastante ampla. Na verdade, os critérios variam de acordo com os focos de observação e os objetivos estabelecidos. De forma geral, a observação está pautada nas relações que estabelecem com o conhecimento, na postura e olhar investigativos, na autonomia e buscas freqüentes em relação a sua formação. São essas posturas que revelam o olhar e a relação com sua própria formação.

Como você percebe que o aluno aprendeu?

Outro aspecto bastante sutil. Novamente vou generalizar. A aprendizagem se revela quando há mudança de comportamento. Quando conseguimos transportar, relacionar um conhecimento adquirido em determinado aspecto e utilizá-lo em outra situação. Aprendizagem se estabelece quando conseguimos estabelecer conexões, entrelaçar “teias” e construir novas aprendizagens a partir de aprendizagens anteriores.

4. Você considera que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Acredito que ela contribui para a construção de repertório de mundo, para a construção de um novo olhar, que possibilita novas “leituras”, novas formas de comunicação... Com isso, não necessariamente a autonomia, mas a possibilidade de ampliar e aprofundar a relação com a construção de conhecimento torna-se mais interessante.

5. Na sua opinião, a arte interfere na relação da criança com o meio que a cerca?

Sim. A meu ver, a proposta da arte é justamente provocar, inquietar, tirar do lugar. Com isso, alteramos nossa forma de nos relacionar com o mundo a nossa volta. Da mesma forma é com a criança, ao se relacionar com a arte, altera também sua relação com o meio.

6. Você acredita que a arte contribui para a formação de um novo paradigma social?

Difícil dizer isso de forma geral. Difícil sem discutir o que é arte. Difícil por conta do acesso restrito da grande camada da população à arte, às discussões que ela propõe etc. No entanto, se relacionarmos ao contexto histórico, muito da nossa história foi questionado e até reconstruído a partir do olhar e da discussão de artistas acerca da visão de sociedade, política, cultura... Ainda assim, falamos de uma pequena camada, infelizmente.

7. De que maneira as crianças e professores são estimulados a pensar a vida?

Nosso convite à reflexão dá-se de diferentes formas, por diferentes caminhos, diferentes linguagens. Tentamos ampliar o máximo possível o repertório de adultos e crianças, o nosso repertório pessoal, de modo a possibilitar diferentes modos de “ler” o mundo e refletir sobre as questões que nos cercam. Acima de tudo propomos e investimos na construção de um olhar investigativo. O que está por trás das questões que se mostram? Quais os invisíveis que povoam os visíveis. Estamos em busca das perguntas, as boas perguntas que nos movem. “A resposta é um caminho que deixamos para trás.”. Nesse processo, a arte, as diferentes formas de fazer e viver arte, são nossas aliadas: música, dança, poesia, histórias, teatro, artes plásticas, o olhar para a natureza a nossa volta. O que todas essas coisas nos dizem? Como desvendá-las? E assim, vamos construindo uma nova postura frente ao mundo, frente a construção de conhecimento.

8. .Como você identifica o Projeto Político Pedagógico do Espaço VivaVida no seu dia a dia?

O PPP está em cada pequena ação cotidiana que realizamos. Nas escolhas que fazemos, nos encaminhamentos com as crianças, com o trabalho. O projeto somente tem sentido porque está em nossa ação e nas reflexões que nossas ações desencadeiam. Ele se materializa na forma como fazemos educação. No olhar, na postura reflexiva e investigativa, na crença na criança potente, na escuta ao grupo e nos encaminhamentos que realizamos a partir dela. Na forma como discutimos e negociamos as questões que se mostram... Não saberia dizer onde o Projeto Político Pedagógico não está presente em nosso dia a dia, pois é ele quem norteia nossas ações.

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmiento Silveira

São Paulo, agosto de 2011.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIOS QUALITATIVOS PROFESSORES

I

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” E UNIVERSIDADE
ABERTA DO MEIO AMBIENTE E CULTURA DE PAZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU
ECOLOGIA, ARTE E SUSTENTABILIDADE

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa desejamos conhecer a sua opinião sobre alguns assuntos que estão vinculados à educação e ao desenvolvimento das crianças. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo:

Gênero: FEM (X) MASC ()

Faixa Etária: 20 a 30 anos (X) 30 a 40 anos ()

40 a 50 anos () Acima de 50 anos ()

Formação Acadêmica: Pedagogia e Fotografia

Tempo que trabalho com Educação: 15 anos

Tempo que trabalho na Escola Espaço VivaVida: 10 anos

1. Você possui alguma formação na área de artes? Faz diferença no seu trabalho com as crianças?

O trabalho com a sala de aula veio muito antes do trabalho com a fotografia. Minha experiência com as crianças possibilitou a construção de um olhar mais apurado, mais sensível e a fotografia veio para complementar a forma de olhar, observar. Acredito que a arte nos liberta nas mais diferentes maneiras, assim como a educação.

2. Você identifica as crianças a partir da sua produção em sala de aula?

Sim. As produções das crianças dizem muito sobre elas, como estão, como pensam, qual o seu processo, são caminhos que muitas vezes usam para colocar para fora o que se passa dentro delas. E isso aparece nas mais diferentes produções, como desenho, pintura, brincadeiras simbólicas ou com regras, ao brincar com massinha...

3. Quais são os recursos que você utiliza para a formação de um grupo? Como você percebe que ele foi formado?

Acredito que um grupo pode se constituir de diferentes maneiras: através do trabalho, da afinidade e dos interesses em comum. Na faixa etária em que trabalho, crianças com 4 anos, é uma idade em que as crianças já conseguem planejar, produzir, dialogar e construir juntas, também é uma fase que elas se percebem como indivíduo e com isso o trabalho acaba sendo um alicerce importante na construção do

grupo. É com ele que o grupo tem a possibilidade de construir algo como grupo, mesmo que cada um tenha e esteja em momentos diferentes.

4. Como você percebe que o aluno aprendeu?

Com conversas, observações e intervenções, avalio como cada criança está. O olhar atento para cada uma é fundamental no processo de avaliação.

5. Você considera que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Sim

6. Você acredita que a arte pode transformar ou alterar a percepção de mundo da criança? De que maneira?

Sim. A arte nos “liberta” nas mais diferentes maneiras. É uma forma de auto-conhecimento, de externar sentimentos, organizar ideias, lutar por valores, expor e anunciar ao mundo como nós o vemos e muitas vezes como o queremos. Pensando e acreditando nisso, o contato com a arte nos fortalece enquanto individuo e também enquanto uma pessoa capaz de produzir para e com um grupo, crescer em grupo.

7. Na sua opinião, a arte interfere na relação da criança com o meio que a cerca?

Acho que a arte nos proporciona possibilidades, nos faz refletir, também fantasiar e com isso só acrescenta, alimenta o olhar da criança para o meio.

8. De que maneira as crianças são estimuladas a pensar a vida?

Penso que se acreditamos, trabalhamos e olhamos para a criança como um todo: emocional, cognitivo, social, corporal... um ser capaz, pensar na vida é algo que acontece naturalmente.

9. Como você identifica o Projeto Político Pedagógico do Espaço VivaVida no seu dia a dia?

O Projeto Político Pedagógico é o “reflexo” do trabalho que acontece na escola. Nele estão as crenças e os valores que transitam entre todos os grupos, entre todos os trabalhos, não tem como não identificar.

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmiento Silveira

São Paulo, agosto de 2011.

II

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” E UNIVERSIDADE
ABERTA DO MEIO AMBIENTE E CULTURA DE PAZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU
ECOLOGIA, ARTE E SUSTENTABILIDADE

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmiento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa desejamos conhecer a sua opinião sobre alguns assuntos que estão vinculados à educação e ao desenvolvimento das crianças. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo:

Gênero: FEM (x) MASC ()

Faixa Etária: 20 a 30 anos (x) 30 a 40 anos ()

40 a 50 anos () Acima de 50 anos ()

Formação Acadêmica: ___Pedagogia na USP_____

Tempo que trabalho com Educação: ___6 anos_____

Tempo que trabalho na Escola Espaço VivaVida: ___6 anos_____

1. Você possui alguma formação na área de artes? Faz diferença no seu trabalho com as crianças?

Apenas dentro da grade curricular da minha formação acadêmica. No trabalho, conversamos muito sobre artes, falamos das exposições visitadas e compartilhamos ideias de trabalho. Sinto falta de uma formação.

2. Você identifica as crianças a partir da sua produção em sala de aula?

Posso levantar algumas características e reconhecer formas de organização de trabalho, uso do espaço, mas não costumo identificar as crianças, pois ficaria apenas na hipótese, uma vez que não tenho formação para tal análise.

3. Quais são os recursos que você utiliza para a formação de um grupo? Como você percebe que ele foi formado?

Mesclo as atividades, proporcionando participação individual e coletiva, utilizo diversas linguagens para atingir a todos, deixo que as crianças falem, escolham, sugiram e aceito suas escolhas. Utilizo a repetição para que se identifiquem e desenvolvam a identidade de grupo

4. Como você percebe que o aluno aprendeu?

Isto acontece de forma sutil. Pode ser com gestos, olhares, devolutivas através da fala, repetição ou de outras relações feitas com o assunto em questão.

5. Você considera que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Com certeza! Através da arte, eles experimentam e exploram a noção de autoria. Percebendo-se capazes de produzir, vão em busca do tentar, fazer sozinho...

6. Você acredita que a arte pode transformar ou alterar a percepção de mundo da criança? De que maneira?

De forma sutil e dependendo da idade. Costumo achar que o contato com a arte, a possibilidade de criar, explorar, transformar, fazem com que a criança tenha uma participação ativa em tudo que a cerca.

7. Na sua opinião, a arte interfere na relação da criança com o meio que a cerca?

Com certeza!

8. De que maneira as crianças são estimuladas a pensar a vida?

Através das histórias que escutam, dos exemplos que presenciam, das perguntas que fazemos para que busquem as respostas. Tom Will é um arte educador que sempre faz este movimento de olhar para o mundo, para o outros e para a sustentabilidade através da arte, da experimentação e das histórias.

9. Como você identifica o Projeto Político Pedagógico do Espaço VivaVida no seu dia a dia?

Brincar, cuidar, educar. Olhar para si, olhar para o outro. Saber conviver, ceder, aceitar, diversificar. Não reproduzimos uma realidade: ela é construída, reinventada todos os dias e vivida pelas crianças. este é o meu dia a dia.

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmiento Silveira

São Paulo, agosto de 2011.

III

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” E UNIVERSIDADE
ABERTA DO MEIO AMBIENTE E CULTURA DE PAZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU
ECOLOGIA, ARTE E SUSTENTABILIDADE

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa desejamos conhecer a sua opinião sobre alguns assuntos que estão vinculados à educação e ao desenvolvimento das crianças. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo:

Gênero: FEM () MASC ()

Faixa Etária: 20 a 30 anos () 30 a 40 anos ()

40 a 50 anos () Acima de 50 anos ()

Formação Acadêmica: Magistério e Ciências Sociais

Tempo que trabalho com Educação: 25 anos

Tempo que trabalho na Escola Espaço VivaVida: 11 anos

1. Você possui alguma formação na área de artes? Faz diferença no seu trabalho com as crianças?

Não possuo nenhuma formação formal em Artes, mas já há alguns anos me interesso muito pelo assunto. Fiz alguns cursos de formação no Mam e procuro sempre ler artigos sobre o assunto. Esta procura constante é que faz a diferença em meu trabalho.

2. Você identifica as crianças a partir da sua produção em sala de aula?

Fiquei em dúvida se é sobre a produção deles ou o meu trabalho om eles. Responderei sobre a produção de cada um, que é o que mais me pareceu lógico.

Sim, em cada produção existem vestígios e marcas que identificam o fazer de cada um, o que as tornam únicas. Isso, às vezes, é mais difícil de perceber em certa idade, como dos 5 aos 7 anos, quando as crianças passam a quererem produzir o mundo como ele se mostra, quando se percebem mais observadores de detalhes e nuances. No entanto, mesmo com esta característica, algumas referências são recorrentes, como o modo de traçar mãos, pés e cabelos, por exemplo, longas pinceladas ao pintar, ou contornos bem definidos. Se usam a base dada toda, se modelam fazendo bolinhas primeiro, se contam uma história na produção... e tantos outros possíveis.

3. Quais são os recursos que você utiliza para a formação de um grupo? Como você percebe que ele foi formado?

Encontrar um denominador comum, uma questão a ser perseguida, é fundamental. Posso até mesmo colocá-la; Por exemplo, precisamos conversar sobre retratos, como podemos fazê-los, apreciar diversos

retratos, para fazer retratos dos amigos para levarem de lembrança no fim do ano. Vamos conversar sobre fotografia para podermos fotografar uns eventos na escola e mostrar para os pais. Precisamos fazer um cenário para uma apresentação de bonecos, então vamos estudar como diversos artistas fizeram os fundos e cenários de seus quadros.

Com a questão levantada, uma questão realmente relevante na história dos alunos, naturalmente flui o processo. Um grupo vive em formação, por isso, mas posso dizer que estão envolvidos quando todos em algum momento agem em função da busca das possibilidades de resposta à questão levantada.

4. Como você percebe que o aluno aprendeu?

Quando ele passa a experimentar, por si, estas hipóteses e possibilidades de fazer. Experimentar é essencial para poder escolher e aprender. Arriscar um modo de fazer é acreditar na possibilidade, testá-la, verificá-la. Testando várias possibilidades, ampliando seu repertório, pode escolher a linguagem que deseja usar.

5. Você considera que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Claro! Creio na capacidade que têm de encontrar alternativas e de levantarem modos de fazer e pensar. Como disse acima, se conhecem mais, se estão repertoriados, podem experimentar, podem testar e então, escolher, tornarem-se mais autônomos.

6. Você acredita que a arte pode transformar ou alterar a percepção de mundo da criança? De que maneira?

Quanto maior forem suas possibilidades, maior fica seu mundo; conseqüentemente, mais podem atuar, agir e enxergar o mundo de diversos pontos de vista. Acreditar neste processo nos faz educadores.

7. Na sua opinião, a arte interfere na relação da criança com o meio que a cerca?

Sim. Ela passa a ser mais observadora e também acaba por interpretar este meio de diversas maneiras, reinterpretando-o através de diferentes linguagens possíveis. Ela faz uma análise do que vê e a manifesta pela Arte. Olha a produção do outro e repensa sua interpretação.

8. De que maneira as crianças são estimuladas a pensar a vida?

Se as crianças são restringidas em suas manifestações, naturalmente vão se desanimando a usar estes tipos de expressões para externar seus pensamentos e criatividade. Se são estimuladas e se este é um fazer que lhes ostra certos valores, usam estas diversas linguagens espontaneamente para mostrar pensamentos e idéias.

9. Como você identifica o Projeto Político Pedagógico do Espaço VivaVida no seu dia a dia?

Toda vez que valorizo o fazer e o pensar de meus alunos, que planejo e replanejo, de acordo com registros e pensamentos deles, espelho valores que se encontram e baseiam o PPP do Espaço Vivavida. Quando penso em momentos e materiais que estimulem as crianças a pensarem e criarem situações e brincadeiras que as fazem pensar sobre diversas áreas de conhecimento, planejo mostrando respeito à infância, ao aprender brincando, ao pertencimento a uma comunidade. Procuro constantemente retornar Às ações – minhas e das crianças – para poder repensá-las e replanejar o dia a dia, o que, por si, combina com o PPP!

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmiento Silveira

São Paulo, agosto de 2011.

IV

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” E UNIVERSIDADE
ABERTA DO MEIO AMBIENTE E CULTURA DE PAZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU
ECOLOGIA, ARTE E SUSTENTABILIDADE

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa desejamos conhecer a sua opinião sobre alguns assuntos que estão vinculados à educação e ao desenvolvimento das crianças. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo:

Gênero: FEM () MASC (X)

Faixa Etária: 20 a 30 anos (X) 30 a 40 anos ()

40 a 50 anos () Acima de 50 anos ()

Formação Acadêmica: 3º grau completo, pedagogia

Tempo que trabalho com Educação: 4 anos

Tempo que trabalho na Escola Espaço VivaVida: 4 anos

1. Você possui alguma formação na área de artes? Faz diferença no seu trabalho com as crianças?

Não possuo uma educação formal na área de artes, mas participo a algum tempo de um grupo de estudos na formação de atores mediado pela companhia Bicicletas Voadoras de Teatro. Este contato com o teatro me ajudou muito, pois consigo perceber que o toque, o tom de voz e a linguagem corporal fazem parte do dia a dia não só na escola como em qualquer lugar.

2. Você identifica as crianças a partir da sua produção em sala de aula?

Sim.

3. Quais são os recursos que você utiliza para a formação de um grupo? Como você percebe que ele foi formado?

Para formar o grupo, penso sempre em trabalhar temas de interesse comum. Percebo com a observação de diversos momentos, mas principalmente no jogo simbólico. Quando as crianças começam a criar enredos juntos, é sinal de que começa a existir uma comunicação. Mas também acredito que este processo é diferente em cada faixa etária. Na faixa etária que trabalho atualmente, 3 anos, vejo este sinal.

4. Como você percebe que o aluno aprendeu?

Avaliando constantemente. Para isso, avalio no fim do projeto e constantemente durante o processo. Com conversas e observações, principalmente pelas atitudes e discurso da criança.

5. Você considera que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Sim.

6. Você acredita que a arte pode transformar ou alterar a percepção de mundo da criança? De que maneira?

Sim, acredito. Vejo a arte como algo questionador, algo que deve ter intenção. Para se ter intenção, deve existir um objetivo e uma reflexão. Além disso, fazer arte é experimentar, e isso para a criança é muito importante. Fazer, refazer e fazer de novo. Para criar maneiras e aprimorar técnicas, além disso, conseguir expressar-se.

7. Na sua opinião, a arte interfere na relação da criança com o meio que a cerca?

Sim, pois pela arte é possível que a criança relacione-se com o meio que a cerca de outras maneiras, com outro olhar.

8. De que maneira as crianças são estimuladas a pensar a vida?

Acredito que as crianças pensam na vida naturalmente. Pois acredito que a criança é um ser que é inteiro e não metade, assim, vejo que a sua maneira ela reflete e pensa em sua vida.

9. Como você identifica o Projeto Político Pedagógico do Espaço VivaVida no seu dia a dia?

O P.P.P. é o que explicita os valores da escola. Em cada ação que tomo ele está presente.

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmiento Silveira

São Paulo, agosto de 2011.

V

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” E UNIVERSIDADE
ABERTA DO MEIO AMBIENTE E CULTURA DE PAZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU
ECOLOGIA, ARTE E SUSTENTABILIDADE

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa desejamos conhecer a sua opinião sobre alguns assuntos que estão vinculados à educação e ao desenvolvimento das crianças. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo:

Gênero: FEM (x) MASC ()

Faixa Etária: 20 a 30 anos (x) 30 a 40 anos ()

40 a 50 anos () Acima de 50 anos ()

Formação Acadêmica: Pedagoga

Tempo que trabalho com Educação: pouco mais de 6 anos

Tempo que trabalho na Escola Espaço VivaVida: 5 anos

1. Você possui alguma formação na área de artes? Faz diferença no seu trabalho com as crianças?

Em Artes diretamente não. Sou formada em balé e trabalhei alguns anos com dança. Essas formas artísticas de se expressar contribuíram para o meu olhar nas questões motoras e expressões corporais das crianças.

2. Você identifica as crianças a partir da sua produção em sala de aula?

As crianças deixam e produzem marcas em suas produções, como desenhos, pinturas e colagens, por exemplo, é possível sim identificar e reconhecer seus traços. Claro, algumas crianças têm mais peculiaridades, outras menos, mas se temos a observação como uma das práticas do trabalho, essa identificação pode acontecer.

3. Quais são os recursos que você utiliza para a formação de um grupo? Como você percebe que ele foi formado?

Existem várias formas de formar um grupo, mas não há receita. Cada grupo tem suas características e necessidades. Algumas atividades contribuem para essa “junção”, se é que podemos chamar assim. Exemplo: brincadeiras de roda, músicas e propostas que coloquem a figura do professor como referência, lanches coletivos (onde, ao compartilhar algo, as crianças convivam e se percebam), dentre outras.

O grupo só é grupo quando conseguimos perceber as preferências individuais dentro das coletivas. Há o todo, mas ele não deve deixar de lado as partes.

4. Como você percebe que o aluno aprendeu?

Na Educação Infantil, não temos a avaliação através das provas, as quais “mostram” aos professores o que o aluno compreendeu do conteúdo dado. Cá entre nós, não é necessariamente assim. A meu ver, a prova pode ser um dos instrumentos de avaliação, mas não o único. Esse é um dos meus princípios para avaliar o que a criança aprendeu: usar diferentes linguagens percebê-la, pois cada criança se identifica e é “tocada” de um jeito. Com a observação e as diferentes linguagens é possível encontrar algumas pistas do que foi compreendido. Outro ponto bastante importante: as relações que a criança estabelece a partir do conhecimento compartilhado. Nas brincadeiras, nas falas e representações, na repetição, na participação, no envolvimento... Caminhos para conseguir uma devolutiva do seu trabalho e do pensamento dos pequenos.

5. Você considera que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Acredito que a expressão artística é mais uma linguagem para a criança lidar, relacionar o mundo e se relacionar nele, portanto, contribui para seu desenvolvimento. Acho que mais do que contribuir para sua autonomia, contribui para sua autoria, para o ousar-se como forma de assumir-se, de afirmar ou negar o que gosta, o que quer naquele momento, os sentimentos etc.

6. Você acredita que a arte pode transformar ou alterar a percepção de mundo da criança? De que maneira?

Acredito que sim. Independente da forma de Arte, a sensibilidade ao comunicar, a delicadeza ao produzir, a sutileza que se percebe... São detalhes que a Arte nos permite viver e perceber.

7. Na sua opinião, a arte interfere na relação da criança com o meio que a cerca?

Como disse na questão anterior, a delicadeza, a sensibilidade e as sutilezas podem ganhar espaço. Assim, a relação com o meio também se amplia. Amplia com explorações, com entrega, com tempo de envolvimento.

8. De que maneira as crianças são estimuladas a pensar a vida?

Vivenciando as situações e, a partir delas, ao compartilhar com o outro o que foi vivido. É como se viver fosse o primeiro passo, compartilhar fosse o segundo e encontrar um jeito para que o outro compreenda fosse o terceiro... Esse movimentar de falas faz a criança se perceber, perceber o outro e perceber-se no outro, assim, ao trocar as experiências e com algumas mediações do educador, a reflexão acaba fazendo parte (dependendo às vezes dessa mediação do professor, a qual é feita propositalmente).

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmiento Silveira

São Paulo, agosto de 2011.

VI

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” E UNIVERSIDADE
ABERTA DO MEIO AMBIENTE E CULTURA DE PAZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU
ECOLOGIA, ARTE E SUSTENTABILIDADE

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa desejamos conhecer a sua opinião sobre alguns assuntos que estão vinculados à educação e ao desenvolvimento das crianças. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo:

Gênero: FEM (x) MASC ()

Faixa Etária: 20 a 30 anos (x) 30 a 40 anos ()

40 a 50 anos () Acima de 50 anos ()

Formação Acadêmica: Superiro em Psicologia

Tempo que trabalho com Educação: 6 anos

Tempo que trabalho na Escola Espaço VivaVida: 6 anos

1. Você possui alguma formação na área de artes? Faz diferença no seu trabalho com as crianças?

Não possuo formação em artes, e sinto falta sim, principalmente na forma de apresentá-las às crianças. Apesar disso, já a algum tempo faço um trabalho de arte com o palhaço que introduzi na escola com a personagem Katharina desde que entrei na escola.

2. Você identifica as crianças a partir da sua produção em sala de aula?

Sim. Alguns desenhos são característicos de algumas crianças.

3. Quais são os recursos que você utiliza para a formação de um grupo? Como você percebe que ele foi formado?

As vezes os próprios pertences das crianças ou algo que eles possam se identificar (como uma caixa) com algum objeto de cada integrante. Quando eles já se reconhecem e trocam entre si.

4. Como você percebe que o aluno aprendeu?

O retorno do aluno pode vir de muitos jeitos. Em uma conversa, na roda quando ele traz conteúdos de outros momentos. Nos desenhos quando expressa algo que represente uma conversa ou história.

5. Você considera que a expressão artística contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança?

Sim com certeza possibilita mais uma chance da criança se expressar e se desenvolver, até porque com as diversas formas de expressão possibilitam escolha para a criança na qual ela se sinta mais a vontade para aprender e se expressar.

6. Você acredita que a arte pode transformar ou alterar a percepção de mundo da criança? De que maneira?

Acredito sim, pois uma pessoa que tem a sensibilidade de apreciar as diversas formas de arte, conseguem ver o mundo de outra forma, de uma forma mais leve e criativa para resolver seus problemas.

7. Na sua opinião, a arte interfere na relação da criança com o meio que a cerca?

A sim, a arte dá a possibilidade da criança usar a imaginação e descobrir outras maneiras que não só as usuais de construir suas hipóteses e de lidar com suas problemáticas.

8. De que maneira as crianças são estimuladas a pensar a vida?

Através da história, de fotos, de imagem e da própria expressão.

9. Como você identifica o Projeto Político Pedagógico do Espaço VivaVida no seu dia a dia?

Acredito em uma criança única, com muitas possibilidades, e o VivaVida dá essa chance a criança ser o que ela é dentro de suas individualidades. Essa possibilidade vem das muitas conversas e reflexões com toda a sua equipe de trabalho, assim como com os pais que estão sempre participando das atividades propostas.

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmiento Silveira

São Paulo, agosto de 2011.

ANEXO III

TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL I

GRUPO 01

Perfil: Misto (01 homem e 08 mulheres)

08 professores e 01 coordenadora

Data: 06 de Setembro

Horário: 18h

MODERADORA: Explicação dos objetivos, da técnica Grupo Focal e autorização de áudio.

...Vocês têm toda razão, trinta minutos pode ser um tempo muito curto para conversarmos. Normalmente, estas reuniões têm um tempo de duração de duas horas. Vamos tentar fazer um milagre... (Risos) Como se fosse um aquecimento... Vamos conversar com a Cristina sobre a sugestão de vocês e, se possível, faremos mais uma reunião. Para nós será um grande prazer, isso só vai enriquecer o nosso trabalho.

Pensando um pouco nas frases “O processo criativo permite que o ato e o pensamento se fundam numa única entidade” e “O adulto criativo altera o mundo que o cerca” de Fayga Ostrower, que estão alinhadas com o assunto que vamos conversar hoje com vocês...

De que maneira a atividade de vocês, o dia-a-dia, a prática com as crianças resulta em alguma diferença, em alguma transformação dessas crianças no sentido delas se tornarem um adulto criativo, integralmente formado. Enfim, de que maneira vocês acreditam que a forma que vocês trabalham a educação aqui na Escola pode contribuir para formação de um adulto criativo? Se contribui, se não contribui, de que maneira vocês acham que contribui?

Se vocês quiserem contar um pouco para a gente sobre o que vocês estão fazendo e se essa questão pode estar relacionada ou não...

CONTRIBUIÇÕES:

Acho importante pontuar que a gente também têm refletido sobre isso... Cada professor trabalha da sua maneira, mas temos todo um processo de trabalho, costumamos levar alguns autores, alimentar a criança, é muito comum o uso de elementos estéticos, como objetos, músicas, alguma coisa que traga mesmo esse enriquecimento do olhar...

E a gente vem repensando após o encontro com o pessoal de Reggio (Reggio Emilia) essa questão de levar o autor até a criança, e trabalhar ele enquanto pessoa, o seu contexto... Pensamos se isso deve chegar até a criança ou se o professor deve se alimentar dessas informações e propor a experimentação para a criança... Estamos refletindo sobre isso...

O que é mais forte para mim e que eu vejo na Escola é essa ideia de experiência mesmo... O livro da Miriam Celeste Martins falando sobre qual é o trabalho com os autores e qual o seu objetivo... Tenho refletido há muito tempo sobre isso e acho que o mais importante é que temos muito espaço na educação infantil, o espaço da experiência, de viver aquele processo, de entrar em contato com a arte, mas não apenas a arte do artista, a obra de arte (tom de ressalva), com certo distanciamento, como se fosse uma coisa do outro nível, ela não é. O aluno pode olhar, observar, ver o que pensa, o que sente, como o artista criou, e essa coisa de pensar nas hipóteses, pensar em um quadro de respingos, por exemplo... e pensar: - Como será que ele fez isso?

Na educação infantil conseguimos ter esse momento de experiência mesmo...

Eu acho que a arte e a experiência estão ligadas à sensibilidade... A gente pensa a arte, os materiais que trazemos para sala de aula, objetivando o despertar da sensibilidade da criança... Está muito mais ligado à experimentação, à sensação... Você falou de, futuramente, pensarmos no adulto criativo, eu acho que a gente tenta iniciar esse olhar mais sensível. Essa coisa de contato com a pele mesmo, pelos materiais, a gente começa pela experiência mesmo... Começamos com a pura sensação...

MODERADORA: Aproveitando a sua colocação, gostaria de entender um pouco que sinais esse processo com a criança traz para vocês de que vocês estão na direção que querem no educar?

Quais são os sinais que as crianças trazem de devolutiva para vocês que acaba dando uma segurança de que estão no caminho certo? De que a criança está entendendo, interagindo, participando, crescendo? Enfim, existem sinais nesse sentido?

CONTRIBUIÇÕES:

O que fica para nós é que as crianças vão modificando a maneira que usam aquilo que oferecemos para elas...

Ela colocou um ponto importante... No começo eles não querem colocar a mão em materiais que sujam, como massinhas moles por exemplo e, com o tempo, eles mesmos vão pedindo essas melecas e quando vemos eles estão totalmente envolvidos. Há muito choro no início, uns têm repulsa mesmo, não querem nem encostar nos materiais... Depois, com o tempo, olhando, observando, eles até comem... Temos que cuidar para eles não comerem... (Risos)

Por exemplo, ontem fizemos um grupo integrado com trabalho em cores, fizemos um finger e foi um "chororo"... As crianças não queriam colocar a mão, daí havia uma criança sem sapato e ela começou a brincar com o pé... Eu falei: - Você não quer colocar a mão? Então, pode ser com o pé... Ela começou a brincar com o pé e os outros alunos, que também não queriam mexer com a mão começaram a brincar com o pé.... (Risos.Tumulto.)

Outra coisa que fica claro é que quando apresentamos alguma obra de algum autor, o quanto eles devolvem isso para a gente observando o meio que eles vivem.

Teve um grupo uma vez, onde isso ficou muito forte... Eu trouxe uma obra de Kandinsky sem qualquer pretensão, eram uns círculos, são muito coloridos com um fundo preto, e daí todos os lugares que eles viam preto queriam colocar algo colorido...

A gente tem uma sala que é cheia de furos, que é chamada de sala dos queijos, e uma aluna passou e falou: Olha que gente doida, olha lá as bolinhas do Kandinsky! Em todos os lugares por onde passávamos eles localizavam os círculos.

Então assim, o olhar deles começa a mudar, é isso que tentamos estimular. Eles não fazem essa separação que ela falou que o adulto faz, esse distanciamento da arte... As crianças não fazem essa separação...

MODERADORA: É como se a arte fosse uma extensão da criança...

CONTRIBUIÇÕES:

Isso mesmo, é uma extensão...

O que eu coloco é assim: - O que é importante? O que o professor aprendeu? Ele aprendeu na sua formação que é importante dizer que conhece o autor... (Risos) Foi o que aprendemos, a gente acaba fazendo isso. Por exemplo, esse é o Picasso, ele nasce não sei onde...

Eu, ouvindo a Miriam, ela já veio aqui na Escola algumas vezes, o que ela questiona muito é assim, - Qual é o seu objetivo nesse trabalho? Seu objetivo é trabalhar a vida dele (autor) ou o seu objetivo é alimentar o olhar da criança? São coisas bem distintas... Não há problema em pegar uma obra e falar esse é Picasso, mas se seu objetivo é trabalhar o Picasso, você vai contar a sua história, que ele passou pelas fases tal e tal... Agora, se seu objetivo é trabalhar o olhar, não há necessidade de contar isso.

-----Uma coisa que você falou sobre o Picasso me remeteu a outra situação, de um outro grupo que eu tinha... Sempre na roda de leitura a gente levava para eles a obra de John Wood e attribute eles começaram a reconhecer o que era essa obra pelas imagens, sem qualquer tipo de explicação... Aí peguei o gancho e levei a obra de Ingrid Meyer (Ingrid Biesemeyer Bellinghausen) que faz recortes para ilustrar livros... Começamos a trabalhar nessa linha com as crianças de 2 anos e eles reconheciam quem eram os autores das obras apresentadas.

Na verdade, nesse caso eles estão reconhecendo a autoria de cada um, quem era esse artista de verdade, sua marca...

É isso! Sua marca registrada. Essa experiência ficou muito forte para mim.

Outra coisa que eu acho que fica forte quando começamos a pensar em arte, é que se a gente está trabalhando o corpo com experimentações e proporcionando a eles que possam enxergar esse mundo por outro ponto de vista, podendo levá-los a lugares diferentes, com materiais diferentes e usar aquilo de diversas formas, a gente está muito próximo do que é ciência ao mesmo tempo, isso vai se fundindo muito. Então, quando usamos a palavra experimentar ela realmente aproxima e é o que a gente está querendo, queremos que eles sejam curiosos, que questionem o que deve ser feito, como é possível ser feito, e porque foi possível... Porque passou a luz pela janela e aqui a luz deixa mais vermelho? E colocar indagações naquela experiência: - Será que se a gente colocar um papel vermelho naquela janela conseguimos fazer o vermelho como vimos naquele dia? E ajudá-los a caminhar com esse pensamento, com o que eles vão vendo e com o material que a gente dá...

MODERADORA:

E como é que vocês fazem para não se perder?

CONTRIBUIÇÕES:

Na maioria dos casos eles é que trazem a questão... Qual é a questão que eles precisam resolver?

Como por exemplo, estou nesse momento com dois alunos que querem aprender a desenhar as mãos deles... Então, eles tentam e daí não conseguem - Isso não é minha mão! Depois vai saindo, porque eles estão há muito tempo já pensando como vão desenhar as mãos deles....

São pequenos ganchos que você (educador) está de olho, todos os dias, observando atentamente... Você vai jogando coisas, percebendo coisas, eles (crianças) trazem coisas...

É uma avaliação constante, o tempo todo!

Constante! Agora comecei a conversar com as minhas crianças sobre o parque e daí o que eu mais queria aconteceu... Algum aluno trouxe um bicho para a sala de aula... (Tumulto)

Um aluno apareceu com uma mariposa e disse: - Não é linda? Estava morta... Não quero falar disso, de enterro, cemitério... (Risos e Tumulto)

Minha aluna estava chorando hoje porque ela vai enterrar um tatu bola em casa!

O meu chegou com um pote cheio de tatu bola fechado e perguntou – Vamos ver de perto, daí pensei: - Como a gente vai ver de perto? Chegaram até a me trazer uma lupa. Eles trazem para você o que eles têm de experiência também e você vai resolvendo com eles... Com relação à arte, eu vou junto com eles, quando eles conversam com as coisas, pode ser uma obra, uma planta, uma luz...

Qualquer coisa que você traz em uma aula de elemento estético dá muito pano pra manga. Eu vejo a criança criativa, não consigo pensar na criança que só quer receber, isso não. Ela vai querer contar...

E o adulto não é assim, né? Retomando o que ela estava falando, que tem um passo antes, porque quando estamos falando em arte na educação infantil, a gente ensina o que a gente é, certo? Se eu como professor não tenho essa referência na minha vida, se meu olhar não foi construído anteriormente, fica difícil me deslocar para localizar essas situações: - Como é o caso do tatu bola? Vai ver com a lupa ou não vai... As vezes temos essa dificuldade por ser uma vivência que não está muito na nossa mão.

Se o adulto não vê aquilo como importante, ele vai continuar reproduzindo uma série de coisas que aconteceram com ele na sua formação.

E se a gente parar para pensar, a maioria aqui teve uma formação escolar, aquela coisa de imagem com régua, reproduzir, então é realmente um desafio... A gente tem que buscar porque senão tudo vira cópia... A imagem tinha que ter tantos centímetros, era uma coisa bem fechada...

Lembro das aulas de artes que você tinha que quadricular todas as imagens direitinho, ampliar aquela parte e transformar...

Pode até ser bacana, mas o problema é saber porque que estão te mandando fazer aquilo... Qual é o contexto?

Isso que ela está falando do porque é o que faz o professor não se perder. Se ele tiver claro porque está trabalhando daquela forma, porque ele deixa os materiais ali, à disposição...

Daí agora a gente vai deixar isso em suspenso, porque de fato eles são muito criativos, enxergam muitas possibilidades, muitas coisas ainda vão aparecer... Mas, tem algumas coisas que a gente está tendo que ensinar...

MODERADORA:

E como vocês atuam para fazer isso em grupo?

CONTRIBUIÇÕES:

Aí é uma questão de negociação... (Risos) Tem que aprender! Aprender a negociar o que cada um vai pensando... Eles aprendem muito rapidamente a argumentar uns com os outros... Muito rapidamente estou exagerando... (Risos)

Mas, os grupos realmente chegam até o G6 conseguindo negociar. Se a gente for ver como grupo, eles dão conta. (Tumulto)

Outro dia, a gente estava desenhando na sala e a cor da moda agora é rosa. É engraçado que a turma tem 06 meninos e 03 meninas. As vezes você está chegando perto da canetinha e eles ficam assim... (Entrevistado simula cara de bravo) Nem sabe o que vão fazer, mas precisam garantir a cor. Outro dia chegou um para mim e disse assim: - Professor, não tem rosa! Tentou pegar em outra mesa e não achou. Aí quando aparece o rosa, quem quer outra cor vai fazer o desenho e os outros disputam quem vai pegar o rosa primeiro... São os dois alunos mais... Aí eu pergunto, decidiram? Um responde, decidi, vou pegar o rosa! (Risos)

Nesse caso o que fica forte é a competição... (Grupo concorda)

MODERADORA:

Pessoal, estamos no nosso horário, infelizmente. Fiquem à vontade, tomem um lanchinho antes de sair. Gostaria de agradecer muito a todos vocês e gostaria de fechar esta conversa passando a palavra para cada um... Gostaria que vocês dissessem uma palavra, uma frase sobre o que ficou dessa nossa conversa, o que vocês gostariam de acrescentar... Uma fala bem rápida, só para fechar o encontro, por favor.

CONTRIBUIÇÃO:

Foi tão rápido. (Risos e Tumulto)

MODERADORA:

É pouco tempo. Mas, não queríamos atrapalhar as atividades de vocês...

CONTRIBUIÇÃO:

Podemos conseguir sim uma nova conversa, de repente na saída dos professores... Acho que das 17h15min até umas 18h15min/ 18h30min conseguimos nos organizar para uma outra conversa...

MODERADORA:

Maravilha! Estaremos à disposição no dia e no horário que forem apropriados para vocês.

CONTRIBUIÇÃO:

Esse diálogo é rico para vocês, mas é rico para a gente também!

MODERADORA:

Inclusive, nossa idéia também é dar uma devolutiva para vocês do nosso trabalho depois. Serão três trabalhos, cada uma de nós tem uma formação. O objeto de pesquisa é o mesmo, mas serão três focos diferentes de trabalho. Para a gente está sendo rico porque somos transdisciplinares... (Risos)

Eu sou advogada, a Liane é psicóloga e a Patrícia é bióloga. De qualquer forma, o foco é arte como expressão, transformação...

Vamos então fazer aquela rodada de falas curtas para fechar? Uma palavra, uma frase, algo que tenho ficado para vocês do nosso encontro... Se quiserem falar...

CONTRIBUIÇÃO:

Tenho duas palavras, pensando na arte penso em experiência, mas penso mais em sensibilidade.

Para mim ficou assim, só quando vocês perguntam as coisas, como por exemplo: - Como é que sabemos disso? É aí que imediatamente cai uma ficha, paramos para pensar...

MODERADORA:

Estamos também aprendendo com vocês! Mais alguém gostaria de falar?

CONTRIBUIÇÕES:

O olhar.

Crescimento.

la falar sobre o Olhar...

Sensibilidade.

Descoberta.

Experimentação.

Por que?

MODERADORA:

Agradeço muito a vocês!

ANEXO IV

TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL II

GRUPO 02

Perfil: Feminino (07 mulheres)

06 professoras e 01 coordenadora

Data: 23 de Setembro

Horário: 17h

MODERADORA:

Explicação dos objetivos e da técnica do World Café.

Retomada da discussão do grupo anterior.

Solicitação de autorização para gravação em áudio.

A partir do nosso encontro anterior pensamos em algumas perguntas para discutir com vocês. Para hoje escolhemos também em uma dinâmica diferente, que é o World Café. Vocês já participaram alguma vez? Não? Então, é um bate-papo com café... (tumulto)

Essa técnica tem uma dinâmica que funciona assim... A gente lança a pergunta que vocês irão discutir nos pequenos grupos. Uma pessoa do grupo é o relator do grupo. No momento em que trocamos a pergunta vocês trocam de mesa. Como temos apenas duas mesas, tentem se misturar um pouco nos dois grupos. O relator ficará sempre na mesma mesa e é responsável por transmitir para o grupo seguinte as conclusões do grupo anterior. Como o nosso grupo aqui é pequeno podemos também socializar a palavra...

Este café é para vocês, fizemos com muito carinho...

Leitura de um texto:

“A arte só nos liberta se for nossa, e a missão que certos artistas se atribuem é atrair nossa criatividade, não tanto oferecendo-nos um modelo a imitar, como o mestre ao discípulo, mas dando-nos o exemplo de uma liberdade a viver”. Mikel Dufrenne

A partir deste pensamento a nossa pergunta é: O trabalho de vocês é arte?

(Tempo de 5 minutos para debate nos pequenos grupos)

Então pessoal, vamos discutir juntas? O trabalho de vocês é arte?

CONTRIBUIÇÕES:

(Tumulto e Risos)

É, é, é sim... (Resposta unânime)

MODERADORA:

Por que?

COLABORAÇÕES:

O nosso trabalho mexe com um ponto... A gente tem as crianças, os pais, os colegas – os iguais... A gente precisa adaptar a forma para poder ensinar, trabalhar...

A gente fez uma viagem aqui que foi pensar nos movimentos da arte e nos movimentos da educação. Estávamos num momento de uma educação mais rígida, mais arcaica e há pessoas que ainda permanecem nesse movimento... mas não deixa de ser arte... Se pensarmos nas obras renascentistas onde eles expressavam e retratavam a verdade... Hoje em dia, o que está forte é a arte contemporânea, que é uma forma de modificar o meio, levantar questões... A gente vai muito neste caminho...

A gente trabalha muito com este recurso para poder mobilizar, é preciso causar um desconforto para mobilizar...

Na verdade, a gente explorou muito mais do que a própria questão. Pensamos, que nosso trabalho é arte sim, ponto. O nosso trabalho é arte. A gente começou a pensar na questão da intervenção e no quanto a gente acaba dirigindo e fazendo propostas no sentido de ampliar mesmo a libertação e criação da criança. Mas, em alguns momentos a gente atenta para os detalhes dessa criação e manifestação, daquilo que estamos entendendo como arte...

Como por exemplo, hoje teve uma reunião aqui com o pessoal de apoio e daí demos um lanche diferente, com alguns materiais descartáveis. A Olívia contou que o grupo dela (as crianças) foi lavar os pratos e pensamos que nunca fazemos isso...*

Como pegar uma tinta e misturar e entregar para eles fazerem alguma coisa no papel, sendo que a própria mistura já seria a arte, a criação. A gente faz a massinha e deveria pegar o kit para eles fazerem, espirra água, mas eles estão lá criando...

Posso comentar um pouco? Fico pensando que a gente, me incluo nesse meio, tem o costume de separar o que é arte e de tentar dar o significado para aquela palavra arte. Os próprios artistas te colocam: “parem de tentar explicar o que é arte”. Tem um texto do Duchamp onde ele trata do ato criador onde ele detona com isso. Ele diz: “o que eu disser que é arte acredite porque é arte, caso contrário vocês me colocam num pedestal...”

Eu acho que aí entra o entrave de você olhar e falar, ele poderia ter feito tal coisa, isso seria mais artístico... Tem uma frase martelando na minha cabeça, que compartilhei com algumas pessoas sobre o Foucault, questionando porque que a arte tem que ser um objeto, uma tinta, por que a arte não pode ser a nossa vida... Porque a nossa vida não é uma grande obra de arte?

Na verdade, não foi bem isso que a gente falou, apenas discutimos como no geral entregamos as coisas muito prontas para eles... Se você coloca um pingo lá, você não sabe se eles vão misturar ou não, estamos falando dessa coisa da sensibilidade e que acabamos entregando muita coisa pronta... Então, lavar os pratos deu trabalho, mas de qualquer forma eles estavam ali envolvidos com o seu pratinho... Discutimos o quanto acabamos fazendo as coisas para eles...

Há também aquele sentimento deles acreditarem que são capazes, não é?

Hoje fiz um relatório, que dois alunos tomaram banho de tinta e aí fui lavar a mão de um deles que estava no banheiro sozinho e encontrei uma bagunça. O pessoal de apoio estava em reunião e eu não poderia deixar aquela bagunça, já tinha dado tinta num lugar que não costumamos usar para isto, que foi a sala 16 e já tinham feito sujeira lá... Aí eu falei para eles: “Vocês vão sentar aqui e nós vamos dar um jeito nisso...” Para eles foi muito forte isso, de

limparem os banheiros, dei uma bucha para cada um e eles limpam... Para todo mundo que entrava na sala eles contavam orgulhosos que tinham limpado todo o banheiro... Isso é arte, até no sentido pejorativo, “você fez arte, é arteiro”...

Podemos também pensar nisso, porque quando vemos uma bagunça falamos que é arte?

MODERADORA:

Gostaria de voltar a questão um pouco para vocês. Por que o trabalho de vocês é arte?

COLABORAÇÃO:

A gente está falando de processo criador, que é o que fazemos o tempo todo...

MODERADORA:

Se vocês fossem formar um grupo de professores...

O que é que na formação de vocês faz com que consigam se ver como artistas e permitir esse processo criador?

O que é diferente na formação de vocês? Vocês atribuem isso a que?

Vocês reconhecem o trabalho de vocês como arte porque criam o tempo todo, lidam com muitas pessoas, experimento... Certo?

COLABORAÇÕES:

Esta coisa da experimentação é forte... E tem uma outra palavra que explica muito as outras artes, novamente a gente estava indo para as artes plásticas, que é a transformação...

Daí, o Florindo (professor) me faz falta nessa hora porque ele trabalha pesado com esta questão da transformação...*

Quando a gente fala de expressividade, liberdade... Acho que esta transformação vem da expressão, da atitude, do olhar; isso é o que chamamos de arte... Aquilo que me toca, que produz sentimento, independente do produto final. Aí você vê a criança buscando um meio para viver, uma experiência que até então era um desafio e que ela transformou numa

brincadeira, ou mesmo que era uma brincadeira e ela fez virar uma produção... Os medos, a questão da gente se caracterizar, um chapéu, um óculos...

Teve uma vez que fizemos uma parceria com o integrado, onde percebíamos que caracterizados viramos outras pessoas... Você se reinventa, o outro te reinventa, misturar estas coisas do que é real com a fantasia é o que experimentamos e tentamos proporcionar...

Acho que o mais engraçado, é que aqui a gente vivencia e modifica a gente. Antes do outro, a gente passa por um processo de modificação...

A gente tem uma frase que é assim: se a gente não acreditar o trabalho não vai... E não vai mesmo! É impressionante, se eu não acredito, posso tentar fingir, mas não vai rolar... É impressionante o quanto nossa crença contagia o outro...

Com elas falando lembro de quando fizemos teatro, as crianças estavam envolvidas, os professores eram os atores da vez... A gente colocou uns tecidos na cabeça, pintou o nariz de vermelho e começou a brincar com as crianças. Os pais vieram buscar e sentaram, se envolveram com a brincadeira também... Então, acaba contagiando...

Quando estamos na escola temos nossos objetivos didáticos. O fato de que nossa escolha é trabalhar com o criativo, com o processo de criação...

Você investiga o grupo que você tem, você se insere no grupo e, a partir daí, você vai saber que caminhos vai adotar... Nós nos utilizamos do improviso, mas sabemos o que estamos fazendo...

MODERADORA:

Então, esta sistemática de olhar, de escolher a partir do estar junto, de criar, vai caracterizando o processo criativo e o trabalho de vocês, certo?

Há algum aspecto diferente na sua formação que deixa vocês mais preparados para fazer isto? Como esta formação foi se transformando? Houve uma evolução?

COLABORAÇÕES:

Na minha visão, eu fui uma pessoa que sempre trabalhou em escolas tradicionais, por cinco anos e depois eu mudei de linha de educação... Eu atribuo isso à ajuda da coordenação mesmo, que ficou me instigando e apresentando outras possibilidades...

Depois de algum tempo surgiram uns desejos, o desejo pela fotografia por exemplo, pela alfabetização visual, aí fui crescendo cada vez mais...

Esta questão da constante reflexão faz com que ampliemos o olhar, mas a própria experiência é fundamental... Acho importante ampliar o repertório, experimentar... Para mim um aspecto que fez muita diferença... Esta pergunta é bem pessoal, não é mesmo?

... Foi um curso que fiz com umas pessoas daqui, curso de teatro... Ele mudou muito a visão que eu tinha, eu olhando o meu físico, o meu emocional, psíquico, sempre fui meio tímida, demorava para me soltar, ainda demoro um pouco em algumas situações... Mas, este trabalho de auto-conhecimento, exploração, contato com o outro, para mim fez a diferença...

Foi uma amiga da Florbela - professora de teatro que deu este curso para um grupo de professores que tinham interesse, além de dois ou três de fora da Escola. Trabalhamos juntos uns seis meses, com exercícios de expressão, criação, troca, movimento, olhar, isto me fez uma diferença...*

MODERADORA:

Então uma formação em teatro pode ajudar os educadores?

COLABORAÇÕES:

Sim, mas acho que também ajuda a bagagem que cada um traz, de infância, do que viveu, acho que mexe bastante...

Surge de algum lugar este desejo de ser professor, de buscar algo mais... Eu particularmente venho de uma família... Minha mãe é educadora e meu pai é músico, então é inevitável que eu seja envolvida com música... Aí esta troca, outra que gosta de teatro, eu trago a música, a gente troca... (Tumulto)

A gente traz uma bagagem de infância, quando fala de criança me encanto, esta troca é muito importante...

Eu sempre estudei em escolas tradicionais e “cai” em uma escola construtivista, então precisei correr atrás. A escola construtivista tem princípios e valores diferentes da minha formação... Passei a olhar a educação de outro jeito; primeiro olhar e depois perceber o tipo de relação que estabeleço...

Embora eu esteja envolvida com música, que é uma vertente da arte, acho que o papel do orientador/coordenador é fundamental, ele te traz algo mais... Quando eu entrei aqui... Também fui educadora de escola tradicional... Mas, a gente vai se educando...

É um exercício, não é natural... Depois se torna natural, mas no começo você se obriga... Não é uma vivência natural...

É bacana isso, eu vou entendendo porque o outro gosta...

Quando eu entrei no curso de fotografia eu estava numa crise geral - o que eu faço, preciso dar uma guinada, estou ficando velha... Daí, eu fui procurar alguma forma de expressar tudo isto que eu estava sentindo e queria trabalhar... Pensei em fazer terapia, e apesar de ter mãe psicóloga, ficava pensando como seria conversar sobre meus problemas com alguém, sabe?

Sempre gostei de fotografia, tinha um tio fotógrafo, convivi pouco com ele, mas ele tinha este olhar e aí eu fui atrás... A fotografia virou uma super terapia para mim, uma terapia total...

Tenho uma mãe que não é muito chegada, tem estudo, mas vê e acabou... Ela gosta e tem uma relação forte com música, não é musicista... Meu pai veio de uma família extremamente simples, que não tem estudo e foi educado para trabalhar e sustentar a família, como se não precisasse de mais nada... Eu fui correr atrás disso porque sentia falta... Além de anos com a Vilma e a Bete* falando no meu ouvido... Esta coisa do coordenador faz toda a diferença e dos amigos também, nossas companhias contam muito...*

Estou me lembrando aqui das quintas culturais que aconteciam na Escola, a cada quinze dias... O professor trazia umas propostas muito diferentes...

De relações mesmo... Quando a gente fala do teatro, eu fui buscar o teatro para a minha formação como professora, buscando outras formas de linguagem, outras formas de alcançar a criança...

Dois anos de terapia não foram tão produtivos quanto o teatro... (Risos)

E funcionou para quem estava aberto a sentir o toque, os sentidos, era muito sensorial. A gente se abria para esta outra forma de se comunicar. A linguagem verbal era pouco utilizada...

MODERADORA:

Agora eu gostaria de dar uma salto, fazer uma outra pergunta. Quando vocês estão trabalhando com as crianças, entrando em contato com elas e planejando, que mundo vocês estão pensando, desenhando ou buscando?

CONTRIBUIÇÕES:

A gente acredita que nosso trabalho faz diferença, caso contrário a gente nem sairia da cama... (Risos)

Acho que o diferente é o olhar, é ajudá-los a conseguirem fazer escolhas, terem opções, saberem que as possibilidades existem, correr atrás, lutar pelo que querem...

A gente tem lidado muito com esta questão do consumismo, dá link com a primeira pergunta... O quanto oferecer tudo pronto e tudo fácil faz com que eles não tenham este repertório de criação, de livre expressão e imaginação... Uma brincadeira sem brinquedo é muito mais difícil do que na nossa época... Esta relação com o novo, preciso comprar outro, isto está muito ligado à questão do olhar, das escolhas, da arte...

É uma questão de valorizar as relações. Eu estava falando isto com a Florbela hoje, o quanto as relações estão descartáveis... Não as relações com as coisas, mas as relações afetivas mesmo...*

Outra coisa que a gente quer é que eles se percebam como agentes desse mundo. Já que há um início da transformação, precisamos ter consciência que os agentes transformadores são eles. Isto traz responsabilidade...

Eu acho que a gente fecha demais o conceito de arte. A gente não consegue enxergar as diferentes linguagens... A gente tem a música o tempo todo na nossa mão... Música todo mundo ouve... Esses dias estava conversando com um amigo meu que é músico e o sonho dele era criar trilhas sonoras e para ele era impossível e inadmissível alguém não saber o nome de uma música, ele não entende como alguém pode gostar de música e não ter uma relação? A música está ali o tempo todo, mas não tem o valor...

Os valores estão mesmo perdidos... Uma pergunta que fico me fazendo é: O que faz o artista?

MODERADORA:

O conceito de cidadania está ampliando no sentido das relações, que não é só das relações na cidade, como do desenvolvimento... Vocês pensam na cidadania na formação com as crianças? Esta é uma questão presente na prática de vocês?

CONTRIBUIÇÕES:

É uma diferenciação do que é individual e do que começa no grupo, no coletivo... Tem o coletivo dos grupos, da escola, e depois vai para a rua, para fora... É indivíduo, o coletivo e a rua... A gente conversa bastante sobre isso.

Que haja espaço para a coletividade.

No nosso planejamento e na nossa relação com eles vamos enxergando o que já tem e o que falta... A questão do público e do político, não é? Ambas muito relacionadas à educação. Não dá para falar de educar sem unir estas duas questões... Discutir as questões das negociações que acontecem nos grupos...

MODERADORA:

Há alguma atividade ou projeto que vocês já tenham realizado com eles que pudesse ilustrar esta questão que estamos discutindo?

CONTRIBUIÇÕES:

Eu fiz um trabalho com eles no primeiro semestre sobre realizar sonhos e no começo eles estavam muito presos a realizar sonhos de consumo mesmo. O sonhos eram, por exemplo, comprar uma loja de pulseiras... Daí eles começaram a ampliar e olhar para o sonho de uma maneira bem diferente, começaram a olhar os sonhos de outras pessoas (os avós vieram na Escola contar seus sonhos), passou a ser ter uma casa, ter a família perto, viajar...

Surgiu um sonho de guardar dinheiro, daí eles questionaram porque as pessoas pedem dinheiro na rua, se seria para comprar o sonho, qual é o significado do sonho de ter arma de ter comida...

Aí a gente foi realizar o sonho de um abrigo, mobilizamos a Escola para ter uma biblioteca, para juntar brinquedos que não utilizavam mais... Compramos o videoquê para o abrigo...

Numa atividade outro dia, eles escolheram uma música sobre alguém que passava fome. Eu não entendi a escolha e perguntei para eles o porque, eles fizeram um link com a atividade dos sonhos, de realizar e ajudar o outro...

Na minha sala uma criança fez uma cirurgia e estava usando cadeira de roda, daí a negociação de mudar para uma sala do térreo... A gente está mudando não só para ajudar alguém, a gente tá mudando para ajudar um amigo, é muito melhor!

Pensando nesse indivíduo na sociedade é muito interessante pensar que nesse pequeno grupo que a gente já reconhece aqui, de ex-alunos que vieram de 15 ou 16 anos, eles ainda destoam da sociedade... A gente fez um sarau de ex-alunos e um deles, de 15 anos, foi ler uma poesia, e os próprios colegas, apesar de acharem legal, também acharam estranho, é muita sensibilidade... Então, assim... Como é que isto vai ganhando corpo com o passar dos anos, nos pequenos grupos eles ainda se fortalecem, mas aí fora nessa sociedade maior eles são dissolvidos, fica claro o quanto precisamos ir fortalecendo isto.

Eu lembrei da oficina de criação e experimentação com o Edigar, porque ele trabalha muito desta transformação no mundo com as crianças e dos projetos do Edigar* mais antigos, o projeto da Paz por exemplo, que foi feito na Escola toda e no final as crianças saíram pelas ruas dando flores para as pessoas. É uma intervenção direta na comunidade...*

A gente saía pelo quarteirão vendo o tipo de lixo que tinha, os alunos catavam o lixo da rua...

O Rogério que estudou aqui é o único que tem coragem de abordar uma pessoa na rua e falar: "oh, caiu um lixo da sua mão!" Os maiores não têm... Ele tem cinco anos, os outros dezenove, não dá!*

São estas coisas que são dadas em doses homeopáticas, que ficam nas entrelinhas e ficam marcadas, podemos perceber, aí tem dedo meu...

Isto é arte, este é o nosso trabalho! A arte trabalha a criança lá dentro, o olhar...

Apresentação do Painel Desenhado

Agradecimentos

**A fim de preservar a identidade das pessoas que gentilmente colaboraram com o estudo, os nomes aqui dados são fictícios.*

ANEXO V

RELATO DE EX ALUNOS

I

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa de encerramento do curso estamos fazendo um estudo de caso da Escola Espaço Viva Vida. Como parte deste estudo, desejamos conhecer a sua experiência com esta Instituição de Ensino. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo.

Gênero: FEM (X) MASC ()

Idade: 15

Escolaridade: nono ano

Ano em que entrou na Escola Espaço Viva Vida: primeiro ano da pré escola

Tempo que estudou no Espaço Viva Vida: 3 anos

O que você aprendeu no Espaço Viva Vida? O que te leva a pensar isto?

Apreendi muitas coisas, eu adorei estudar lá, tive bastantes amigos lá, até hoje tenho um contato com uma amiga que estudou ao meu lado na escola Viva Vida, eu fazia pizza, derretia giz de cera para fazer desenhos, já dormi naquela escola, já fiz passeios... Foi muito divertido lá.

A arte é importante para você? Por quê?

Quando nós somos crianças é muito importante, brincar e fazer muita arte... Porque ajuda a expressar o que passa dentro de nós.

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmento Silveira

São Paulo, setembro de 2011.

II

Somos Liane Bittencourt, Luciana Pereira e Patricia Sarmiento, alunas do Curso de Especialização Lato Sensu, da UNESP/Instituto de Artes e UMAPAZ e como parte da nossa pesquisa de encerramento do curso estamos fazendo um estudo de caso da Escola Espaço Viva Vida. Como parte deste estudo, desejamos conhecer a sua experiência com esta Instituição de Ensino. Gostaríamos de contar com a sua valiosa colaboração respondendo as perguntas abaixo.

Gênero: FEM (X) MASC ()

Idade: 15

Escolaridade: 1º Ensino Medio

Ano em que entrou na Escola Espaço Viva Vida: 1999

Tempo que estudou no Espaço Viva Vida: ate 2002

O que você aprendeu no Espaço Viva Vida? O que te leva a pensar isto?

Acho que o principal ali era nos estimular a ter e usar a criatividade. Papel que foi bem desempenhado, pelo menos comigo e com a *Margarida**. Tudo ali nos incentivava a fazer isso. O espaço – que era todo colorido, os jogos e brincadeiras – que eram novas e criativas (saindo daquela coisa de escolas tradicionais, onde a maior diversão é quando as crianças ensaiam a ciranda para a festa junina), os professores – que sempre estavam animados, de bom humor para responder qualquer coisa que nós perguntávamos (por mais absurdo que fosse), acho isso uma coisa muito importante, porque uma coisa é você ter a infância marcada por um professor que falava com voz arrastada e dando aula parecendo um morto, outra, é olhar pra trás e lembrar de quando a aula, era virar as mesas da sala de lado, e fingir que estávamos em uma nave espacial. De fato, o ponto forte não era o conteúdo em si. Nessa brincadeira da nave, não me lembro de ter aprendido a ordem dos planetas, ou qualquer outra coisa. Nós apenas brincávamos. Haviam projetos, com conteúdo, sim. Mas eu guardei mais as experiências, as brincadeiras e essas coisas, do que “o que são bichos peçonhentos” (que foi um tema de um projeto, uma vez). Sei que muitos pais (principalmente hoje em dia) podem achar isso um absurdo. As crianças perderem tempo, na escola, para brincar. Mas hoje eu vejo que isso fez toda a diferença. Minha vida inteira, ate o começo desse ano, eu estudei em escolas alternativas. Como o viva. Onde se “brinca aprendendo” (o que eu acho que é diferente de “aprender brincando”), não são feitas provas e é tudo mais leve. O resultado disso? Eu gosto de ir para a escola. De verdade. Meus amigos vivem reclamando. E isso me faz pensar que quando eles eram pequenos, tinham que ficar sentados em carteiras copiando a lousa. É claro que vão achar a escola muito chata. Desde crianças ela é um símbolo de coisa ruim.

Não sei como esta agora, mas na minha época o viva era uma grande escola, que visava coisas realmente importantes para a vida e não o vestibular. Coisas que não estão nos livros, afinal, nós ainda tínhamos muito tempo para ver todos esses conteúdos.

A arte é importante para você? Por quê?

A arte foi implantada em mim de um jeito provavelmente irreversível. É algo que eu acredito estar no meu subconsciente, principalmente por eu ter tão pouca idade quando comecei a estudar lá. Na

época, a coisa que eu mais queria era ser artista plástica. Percebi isso há um ou dois anos, quando me perguntaram com o que eu queria trabalhar, e se sempre tinha sido aquilo. Eu pensei, e notei que todas as profissões onde eu já quis atuar, estavam na área de humanas, mais especificamente, eram todas consideradas artes. E não só isso, sem perceber, eu já tinha passado, se não por todas, varias áreas das artes – musica, artes (mesmo), cinema. E em todas as minhas opções de carreira, as pessoas dizem que não eram algo real (e na época que eu queria ser atriz então?) As vezes eu penso nisso, mas não suporto a ideia de trabalhar com exatas, ou biológicas.

Outra coisa que vejo de diferente no viva, é que eles tinham um jeito de mostrar a arte que nos animava a fazer e a gostar disso. Uma coisa que, não se né, mas não deve ser tão fácil, porque depois que eu me formei e saí de lá, todas as minhas aulas de artes, era desenho, desenho, desenho... (Eu amo artes. E a única coisa que eu odeio fazer é desenhar.) Até em um curso que eu fiz, de artes plásticas, era só desenho. cadê a sucata, o papel machê, a argila, qualquer outro material diferente?

Muito obrigada pela sua participação!

Liane Bittencourt
Luciana Pereira dos Santos Ogo
Patricia Vieira Sarmiento Silveira

São Paulo, setembro de 2011.

**A fim de preservar a identidade das pessoas que gentilmente colaboraram com o estudo, os nomes aqui dados são fictícios.*

III

Gênero: FEM (X) MASC ()

Idade: 07

Escolaridade: segundo ano

Ano em que entrou na Escola Espaço Viva Vida: 2005

Tempo que estudou no Espaço Viva Vida: 6 anos

O que a arte faz diferença para você?

Eu acho que a arte, quando a gente está brincando, fazendo lição, não solta o que está dentro mas, quando a gente está desenhando... Desenhar, de repente você pensa que você está lá assim, você está lá brincando com a sua amiga, aí você quis fazer um desenho, você fez e você queria estar em um mundo de sorvete, você faz um mundo de sorvete, aí você faz uma menina, aí parece que você está lá.

A arte também solta o que a gente quer falar para o outro, é assim; solta, a gente pode desenhar para falar para o outro, não precisa falar nem escrever.

Além de desenhar tem outro tipo de arte que você gosta?

Cantar é muito fácil falar, é assim, cantar é o maior jeito de se soltar, falar o que você sente no coração, como foi a sua vida, dá para soltar tudo assim, tudo assim, parece que você está em cima de uma nuvem, nadando, voando, é muito legal, cantar é a vida descansada e fingir assim que você desejou o seu maior pedido, o maior pedido, como eu quis ganhar um game boy, já faz tempo, eu vou ganhar no natal, no meu aniversário ou no dia das crianças, eu não sei, eu queria muito isso e para eu falar de outro jeito sem ser desenhar, escrever e também brincando... Mas, quando você canta parece que você já ganhou o game boy.

E quando você dança?

É muito legal dançar, você pode cair na cama fazer o que quiser, cantar, dançar, fazer tudo junto, é muito legal, você tem que fazer um dia isto, você vai experimentar, porque é muito legal, eu fazia isso quase todos os dias, quando minha mãe deixa e é muito legal.

Você está gostando do balé clássico?

Eu gosto bastante, mas eu assim...

O que que você não gosta?

É porque, isso não é um não gosto, é uma vergonha, eu tenho muita vergonha de se eu errar um passo, na dança que todo mundo está te olhando.

Você está preocupada com isso?

É, eu estou preocupada mas é muito legal, é muito fácil, se você faz isso, parece que você está dançando e não está falando nada, a música está tocando, está ali, aí você canta, não você não canta, dança, é muito legal, olha foi muito legal mesmo.

Para você a arte faz diferença na sua vida?

Faz, faz muita diferença..

Você gosta de ir no teatro?

Amo, amo fazer, eu queria fazer, porque o que você está pensando, gravando assim, você grava, teatro você finge que é uma pessoa mas você é outra, eu sempre quis ser minha mãe, que ela muito bonita, ela é tudo que eu sempre quis, é assim bióloga, sabe dirigir, eu sempre quis ser ela, e quando eu danço, ela faz muito trabalho, eu danço, fazendo trabalho assim como a mamãe, aí eu pego um celular de mentira, e finjo que eu estou falando com o pai, porque ela sempre fala com o meu pai, é muito legal o teatro. Eu sempre quis fazer.

Vamos pensar no Espaço Viva Vida, foi importante para você ter estudado lá?

Foi muito.

Por que foi importante?

Se eu não estudasse lá eu não ia a aprender a ler e escrever, porque foi lá que eu aprendi a ler e escrever, no fim eu estava tentando muito, mas eu já escrevia em bastão.

Além de ler e escrever, que mais você aprendia lá?

E aprendi a fazer artes, artes é a melhor coisa na vida, a música, a dança e a cantoria, é muito legal. Tudo que eu já falei é muito legal, de verdade.

Como você aprendeu a fazer arte lá?

Fazendo... Assim se você ficar vendo, você só vai gravar como faz, mas você não vai aprender a fazer do jeito, é melhor você fazer do seu jeito, porque você é você, o outro é o outro.

Você aprendeu isto lá também? Onde você aprendeu isto?

Eu aprendi com a minha mãe, um dia eu disse: - Mãe, eu quero ser a *Priscila**, eu queria ter cabelo liso... mas eu mudei de ideia, aí minha mãe me disse, nossa eu fiquei muito alegre, minha amiga queria ser a Hanna Montana, mas a Hanna Montana é um programa, não existe, aí minha mãe me disse, olhe, você é você, se você tem cabelo cacheado, você ganhou esse cabelo então você tem que ficar com ele e aprender a gostar dele. Aí ela disse, como o meu, eu queria ter igual ao seu, mas aí eu recuperei, comecei a gostar do meu cabelo, mas ainda o meu primeiro cabelo é o seu *Flora**, aí eu falei ah, mas o meu é o seu, aí eu falei, nossa a gente está assim, a gente gosta de cabelo da outra, nossa nunca se compare com alguém também, nunca se compare, se você se comparar, você se compara e depois fica com menos. Um dia a minha mãe disse que eu, porque assim até hoje eu

me comparo com o meu irmão, um dia eu falei, meu potinho tem menos danone, aí ela falou não se compare senão você vai ficar com menos, aí o meu irmão falou, ai eu falei não se mete *Francisco**, porque não te interessa, aí eu comi lá na boa...

**A fim de preservar a identidade das pessoas que gentilmente colaboraram com o estudo, os nomes aqui dados são fictícios.*